

MANUAL DO  
PROFESSOR

ALFREDO BOULOS JÚNIOR

# A CONQUISTA

## HISTÓRIA

Ensino Fundamental - Anos Iniciais  
Componente: História

2

CÓDIGO DA COLEÇÃO  
**0133P230102000040**  
PNLD 2023 • OBJETO 1  
Material de divulgação  
Versão submetida à avaliação

FTD

MATERIAL PARA DIVULGAÇÃO DA EDITORA FTD  
REPRODUÇÃO PROIBIDA

# A CONQUISTA

## HISTÓRIA

Ensino Fundamental - Anos Iniciais  
Componente: História



「MANUAL DO  
PROFESSOR」

### **ALFREDO BOULOS JÚNIOR**

Doutor em Educação (área de concentração: História da Educação) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Mestre em Ciências (área de concentração: História Social) pela Universidade de São Paulo.

Lecionou nas redes pública e particular e em cursinhos pré-vestibulares.

É autor de coleções paradidáticas.

Assessorou a Diretoria Técnica da Fundação para o Desenvolvimento da Educação – São Paulo.



A Conquista – História – 2º ano (Ensino Fundamental – Anos Iniciais)  
Copyright © Alfredo Boulos Júnior, 2021

**Direção-geral** Ricardo Tavares de Oliveira

**Direção editorial adjunta** Luiz Tonolli

**Gerência editorial** Natalia Tacetti

**Edição** João Carlos Ribeiro Junior (coord.)

Luis Gustavo Reis, Raphael Fernandes, Carolina Bussolaro Marciano,  
André Amano, Vivian Ayres, Maiza Garcia Barrientos Agunzi, Bárbara Berges,  
Rosane Cristina Thahira, Renata Paiva Cesar, Siomara Sodré Spinola

**Preparação e revisão de textos** Viviam Moreira (sup.)

Fernando Cardoso, Paulo José Andrade

**Gerência de produção e arte** Ricardo Borges

**Design** Daniela Máximo (coord.)

Bruno Attili, Carolina Ferreira, Juliana Carvalho (capa)

**Imagem de capa** Beatriz Mayumi

**Arte e Produção** Vinícius Fernandes (sup.)

Sidnei Moura, Jacqueline Nataly Ortolan (assist.), Marcelo dos Santos Saccomann (assist.)

**Diagramação** Nany Produções Gráficas

**Coordenação de imagens e textos** Elaine Bueno Koga

**Licenciamento de textos** Érica Brambila, Bárbara Clara (assist.)

**Iconografia** Jonathan Santos, Ana Isabela Pithan Maraschin (trat. imagens)

**Ilustrações** Alexandre Matos, Camila Godoy, Claudia Marianno, Cláudio Chiyo,  
Enágio Coelho, Evandro Marenda, Leandro Ramos, Leninha Lacerda, Leonardo Conceição,  
Léo Fanelli/Giz de Cera, Lucas Farauj, Roberto Weigand, Sílvia Otofujii, Yume Ilustrações

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Boulos Júnior, Alfredo

A conquista : história : 2º ano : ensino  
fundamental : anos iniciais / Alfredo Boulos  
Júnior. -- 1. ed. -- São Paulo : FTD, 2021.

Componente: História.

ISBN 978-65-5742-497-1 (aluno – impresso)

ISBN 978-65-5742-498-8 (professor – impresso)

ISBN 978-65-5742-507-7 (aluno – digital em html)

ISBN 978-65-5742-508-4 (professor – digital em html)

1. História (Ensino fundamental) I. Título.

21-72387

CDD-372.89

**Índices para catálogo sistemático:**

1. História : Ensino fundamental 372.89

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

Reprodução proibida: Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610  
de 19 de fevereiro de 1998. Todos os direitos reservados à

EDITORA FTD.

Rua Rui Barbosa, 156 – Bela Vista – São Paulo – SP  
CEP 01326-010 – Tel. 0800 772 2300  
Caixa Postal 65149 – CEP da Caixa Postal 01390-970  
www.ftd.com.br  
central.relacionamento@ftd.com.br

Em respeito ao meio ambiente, as folhas  
deste livro foram produzidas com fibras  
obtidas de árvores de florestas plantadas,  
com origem certificada.

Impresso no Parque Gráfico da Editora FTD  
CNPJ 61.186.490/0016-33  
Avenida Antonio Bardella, 300  
Guarulhos-SP – CEP 07220-020  
Tel. (11) 3545-8600 e Fax (11) 2412-5375

# SUMÁRIO

## **MATERIAL DE APOIO AO PROFESSOR ..... IV**

1. Ler e escrever: um compromisso de todas as áreas..... IV
2. A Base Nacional Comum Curricular ..... VI
3. Alfabetização ..... IX
4. Protagonismo do aluno ..... XIV
5. Ensino de História e a nova concepção de documento ..... XIV
6. Por que estudar a temática afro e a temática indígena? ..... XXI
7. Orientações para o uso da internet ..... XXII
8. Conceitos-chave da área de História ..... XXIII

## **SEÇÃO INTRODUTÓRIA ..... XXVII**

9. Quadro de conteúdos da coleção.....XXVII
10. Avaliação .....XXIX
11. Matriz articuladora deste volume .....XL

## **BIBLIOGRAFIA COMENTADA.....XLVI**

## **ORIENTAÇÕES ESPECÍFICAS PARA ESTE VOLUME ..... 1**

# MATERIAL DE APOIO AO PROFESSOR

Esta coleção para os anos iniciais do Ensino Fundamental tem alguns pilares de sustentação, que listamos a seguir.

## 1. LER E ESCREVER: UM COMPROMISSO DE TODAS AS ÁREAS

O desenvolvimento da competência leitora e escritora é responsabilidade de todas as áreas de conhecimento, e não somente da área de Língua Portuguesa. Entendemos que ler e escrever é um compromisso de todas as áreas, como Matemática, Geografia e também História.

Isso ajuda a explicar a ênfase que demos à leitura e à escrita nos cinco volumes. A História, importante ciência humana, pode e deve dar uma contribuição decisiva nesse processo, e uma das condições para isso é o trabalho planejado com diferentes tipos de textos e com uma diversidade de linguagens (cinematográfica, fotográfica, pictórica; a dos quadrinhos, a da charge, a da literatura, a dos jornais, entre outras).

Boa parte do que os alunos aprendem nas aulas de História é resultado da leitura (de textos e imagens), daí a importância de familiarizá-los também com os procedimentos de leitura, específicos e diferenciados, e adequados a cada um desses registros. Sem nos adentrarmos na discussão teórica sobre o assunto, é importante lembrar que imagem e texto possuem estatutos diferentes e demandam tratamentos e abordagens diferenciados.

Sabendo-se que a leitura possibilita o acesso a conteúdos e conceitos históricos, a tarefa de ensinar a ler e escrever deve ser vista como parte integrante de um curso de História para os anos iniciais do Ensino Fundamental. Ao receberem um tratamento adequado, os textos e as imagens deixam de servir só para ilustrar ou exemplificar um determinado tema e passam a ser materiais a serem interrogados, confrontados, comparados e contextualizados.

Com esse objetivo, estimulamos a leitura de diferentes gêneros de texto e exploramos de forma sistemática a leitura e a interpretação de imagens fixas. Além disso, incentivamos a escrita, inclusive porque ler e escrever são competências interdependentes e complementares. Eis uma contribuição de especialistas no assunto:

O que seria ler e escrever nas diferentes áreas do currículo escolar? Esse é um dos objetivos que estabelecemos para este livro: desconfinar a discussão sobre leitura e escrita, ampliando o seu âmbito desde a biblioteca e a aula de português para toda a escola. E um dos méritos desse desconfinamento foi a descoberta da leitura e da escrita como confluências multidisciplinares para a reflexão e ação pedagógica.

[...]

Temos claro que ler e escrever sempre foram tarefas indissociáveis da vida escolar e das atribuições dos professores. Ler e escrever bem forjaram o padrão funcional da escola elitizada do passado, que atendia a parcelas pouco numerosas da população em idade escolar. Ler e escrever massiva e superficialmente tem sido a questão dramática da escola recente, sem equipamentos e estendida a quase toda a população.

A sociedade vê a escola como o espaço privilegiado para o desenvolvimento da leitura e da escrita, já que é nela que se dá o encontro decisivo entre a criança e a leitura/escrita. Todo estudante deve ter acesso a ler e escrever em boas condições, mesmo que nem sempre tenha uma caminhada escolar bem traçada. Independente de sua história, merece respeito e atenção quanto a suas vivências e expectativas. Daí a importância da intervenção mediadora do professor e da ação sistematizada da escola na qualificação de habilidades indispensáveis à cidadania e à vida em sociedade, para qualquer estudante, como são o ler e o escrever.

NEVES, Iara C. Bitencourt *et al.* (org.). **Ler e escrever**: compromisso de todas as áreas. 9. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011. p. 15-16.

Dáí termos usado, nesta nossa obra, textos historiográficos, históricos, literários, biográficos, depoimentos, entrevistas, notícias, obras de arte, fotografias, desenhos, charges, caricaturas, tiras de quadrinhos, mapas, gráficos, tabelas, cartazes de propaganda, entre outros.

É esse trabalho sistemático e planejado que permitirá aos alunos, leitores e escritores, com a mediação do professor, conquistar autonomia para ler e contextualizar textos e imagens. Nesta coleção, além da importância dada à leitura e à interpretação, buscamos estimular também o desenvolvimento da competência escritora.

## ► 1.1. NÃO BASTA ENSINAR HISTÓRIA

Para uma boa formação, os alunos precisam entender bem o que leem e saber pensar e escrever.

[...] Há muitas formas de orientar os alunos a ler o texto histórico, desviando-os da terrível decoreba. Um exemplo, à maneira de um jogo de desconstrução e reconstrução, é propor-lhes que identifiquem, a partir de uma espécie de “perguntas-chave”, as informações básicas existentes, digamos, num capítulo do livro didático: o acontecimento principal e os secundários (o quê?); os agentes históricos envolvidos – grupos sociais, instituições, indivíduos e seus respectivos interesses e motivações (quem?); o período histórico e as datas mais importantes (quando?), o lugar geográfico, político, social (onde?). Com base nessas respostas, que mais adiante serão enriquecidas com respostas de outras perguntas (como? e por quê?), o aluno poderá redigir seu texto-resumo, no qual irão figurar as informações essenciais. Essa sinopse do fato histórico é o “esqueleto”, o núcleo desse fato, e é também o que vai possibilitar ao aluno se situar no tempo, no espaço, na história, é o seu “chão” histórico, é a base para argumentação. [...]

RIBEIRO, Marcus Venício. Não basta ensinar história. *Revista Nossa História*, ano 1, n. 6, p. 76-78, abr. 2004.

## ► 1.2. O QUE SE ESPERA QUE O ALUNO ESCREVA EM HISTÓRIA?

O texto a seguir é de Fernando Seffner, mestre em Sociologia, doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

A leitura e a escrita de textos históricos devem levar em conta a necessidade de explicação e utilização de conceitos. Conceitos entendidos aqui como ferramentas de análise, e como possibilidade de universalizar uma discussão. Trabalhamos em história sempre com a análise de situações determinadas. Discutir a qualidade da escrita histórica envolve analisar os recursos conceituais utilizados, as fontes consultadas, a problemática construída, as questões propostas e o estilo narrativo.

[...]

Ler é compreender o mundo, e escrever é buscar intervir na sua modificação. Ao pedir que o aluno escreva um texto de análise histórica, estaremos sempre buscando extrair dele uma posição frente à discussão. Portanto, estamos trabalhando no sentido de que cada aluno desenvolva uma capacidade argumentativa própria, utilizando conceitos claros, num ambiente democrático de troca de ideias e convívio de opiniões diferenciadas. Isso colabora para a formação da identidade política de cada aluno. O que não podemos permitir é que as atividades de leitura e escrita na aula de história se transformem num ritual burocrático, em que o aluno lê sem poder discutir, responde questionários mecanicamente e escreve texto buscando concordar com o professor para ter sua boa nota assegurada. [...]

SEFFNER, Fernando. Leitura e escrita na história. In: NEVES, Iara Conceição Bitencourt (org.). **Ler e escrever**: compromisso de todas as áreas. 9. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011. p. 119-120.

## 2. A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

Esta coleção foi escrita no contexto de um amplo debate nacional em torno da construção de uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento que define as aprendizagens essenciais a que todos os alunos devem ter direito ao longo da Educação Básica.

### ► 2.1. A LEGISLAÇÃO QUE DÁ SUPORTE À BNCC

A BNCC está respaldada em um conjunto de marcos legais. Um deles é a Constituição de 1988, que, em seu artigo 210, já determinava que: “serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais”.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> BRASIL. Casa Civil. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm). Acesso em: 30 jul. 2021.

Outro marco é a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96), que, no inciso IV de seu Artigo 9º, afirma:

cabe à União [...] estabelecer, em colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, competências e diretrizes para a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, que nortearão os currículos e seus conteúdos mínimos, de modo a assegurar formação básica comum.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96)**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm). Acesso em: 30 jul. 2021.

A LDB determina também que as competências e diretrizes são comuns, os currículos são diversos.

Esta relação entre o básico-comum e o que é diverso está presente no Artigo 26 da LDB, que diz que:

os currículos da Educação Infantil, do Ensino Fundamental e do Ensino Médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96)**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm). Acesso em: 30 jul. 2021.

Disso decorre que o currículo a ser construído deve, então, ser contextualizado. Entende-se por contextualização: a inclusão e a valorização das diferenças regionais, ou mesmo locais, e o atendimento à diversidade cultural.<sup>2</sup> Isso é coerente com o fato de que o foco da BNCC não é o ensino, mas a aprendizagem como estratégia para impulsionar a qualidade da educação básica em todas as etapas e modalidades.

## ► 2.2. A BNCC E A BUSCA POR EQUIDADE

A busca por equidade na educação demanda currículos diferenciados e afinados com as inúmeras realidades existentes no país. A equidade leva em conta também a variedade de culturas constitutivas da identidade brasileira. E, além disso, reconhece a diversidade de experiências que os alunos trazem para a escola e as diferentes maneiras que eles têm de aprender.

A busca por equidade visa também incluir grupos minoritários, como indígenas, ciganos, quilombolas e o das pessoas que não tiveram a oportunidade de frequentar uma escola. E se compromete com alunos com algum tipo de deficiência, reconhecendo a necessidade de práticas pedagógicas inclusivas, conforme estabelecido na Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/15).

<sup>2</sup> Outro marco legal em que a BNCC se apoia é na Lei nº 13.005, de 2014, que promulgou o Plano Nacional de Educação. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2014/lei-13005-25-junho-2014-778970-publicacaooriginal-144468-pl.html>. Acesso em: 30 jul. 2021.

A busca por equidade quer, enfim, propiciar igualdade de oportunidades para que todos possam ingressar, aprender e permanecer na instituição escolar. Uma escola pensada e organizada com base nesse princípio estará aberta à pluralidade e à diversidade, garantindo, assim, que todos possam desenvolver habilidades e competências requeridas no mundo contemporâneo. E conseguirá acolher e estimular a permanência dos estudantes na instituição escolar, independentemente de etnia, religião ou orientação sexual.

## ► 2.3. BNCC E CURRÍCULOS

A BNCC e os currículos estão afinados com os marcos legais citados nesta apresentação e têm papéis complementares. E, para cumprirem tais papéis, o texto introdutório da BNCC propõe as seguintes ações:

- contextualizar os conteúdos dos componentes curriculares [...];
- decidir sobre as formas de organização interdisciplinar dos componentes curriculares [...];
- selecionar e aplicar metodologias e estratégias didático-pedagógicas [...];
- conceber e pôr em prática situações e procedimentos para motivar e engajar os alunos nas aprendizagens;
- construir e aplicar procedimentos de avaliação formativa de processo ou resultado [...];
- selecionar, produzir, aplicar e avaliar recursos didáticos e tecnológicos [...];
- criar e disponibilizar materiais e orientações para os professores [...];
- manter processos contínuos de aprendizagem sobre gestão pedagógica e curricular [...].

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Brasília, DF: SEB, 2018. p. 16-17. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versoafinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versoafinal_site.pdf). Acesso em: 30 jul. 2021.

A implementação da BNCC deverá levar em conta, então, os currículos elaborados por estados e municípios, bem como por escolas. Além de incorporar essas contribuições, a BNCC recomenda contemplar também temas relevantes para o mundo em que vivemos e dar a esses temas um tratamento interdisciplinar. Entre esses temas, merecem especial atenção:

- Direitos das crianças e adolescentes (Lei nº 8.069/90);
- Educação para o trânsito (Lei nº 9.503/97);
- Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741/03);
- Preservação do meio ambiente (Lei nº 9.795/99);
- Educação alimentar e nutricional (Lei nº 11.947/09);
- Educação em direitos humanos (Decreto nº 7.037/09).

### 2.3.1 BNCC E A COLABORAÇÃO DE CURRÍCULOS

No aspecto pedagógico, os conteúdos curriculares deverão estar a serviço do desenvolvimento de competências. Competência pode ser definida como possibilidade de utilizar o conhecimento em situações que requerem sua aplicação para tomar decisões pertinentes.

Não é demais lembrar que a elaboração de currículos com base em competências está presente em grande parte das reformas curriculares de diversos países do mundo. É esta também a abordagem adotada nas avaliações internacionais da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que coordena o Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa, na sigla em inglês).

## ► 2.4. A NOSSA COLEÇÃO E A BNCC

Nesse contexto pautado por reflexão, debates e mudanças e valendo-nos de uma experiência com a escrita da História acumulada ao longo dos anos, buscamos produzir materiais impressos e digitais alinhados aos pressupostos da BNCC, tais como respeito à pluralidade e à diversidade; busca por equidade e alinhamento a uma educação voltada para a inclusão.

Durante a escrita da nossa coleção didática de História, buscamos afinar a nossa sensibilidade a essas intenções nas escolhas iconográficas, nas abordagens culturais e na seleção de conteúdos, oferecendo assim à leitura uma obra capaz de contribuir efetivamente para a formação integral do ser humano, independentemente de sua origem ou condição social.

É um dos propósitos da nossa obra que esses princípios cheguem à carteira do aluno, de norte a sul do país, em forma de textos, imagens e atividades escolares. E, assim, somar nossos esforços aos dos educadores, pensadores e professores que, de fato, querem contribuir para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

Acreditamos que essas escolhas vão impactar positivamente a aprendizagem dos alunos. E isso não é pouco quando se sabe que os leitores (alunos e professores) são a razão principal da nossa existência. Voltando-nos aos nossos colegas professores, criamos o Manual de apoio ao professor, com formato em “U” e orientações página a página, que incorporam experiências e reflexões oriundas da pesquisa acadêmica e do dia a dia da sala de aula.

Por fim, vale dizer que Austrália, Chile, Reino Unido e Estados Unidos construíram e implementaram uma base curricular nacional que tem favorecido a diminuição das discrepâncias educacionais e a melhoria da qualidade da Educação. Por que nós não havemos de conseguir?

## 3. ALFABETIZAÇÃO

A alfabetização pode ser entendida como um processo que abarca desde a aquisição do código alfabético até o uso social da língua e das diferentes linguagens, nas mais diversas práticas sociais cotidianas. Nos anos iniciais, potencializamos atividades que contribuem para a aprendizagem e o domínio do Sistema de Escrita Alfabético (SEA), que é a base de nossa escrita.

Aprender a utilizar a linguagem escrita é uma das formas de realizar a leitura de mundo, repleto de outras linguagens – como a linguagem pictórica, a linguagem oral, a linguagem gestual, entre outras. Assim, o processo de alfabetização não se limita à aprendizagem da mecânica da língua; não basta codificar e decodificar, é preciso construir sentidos para o que se lê e atribuir sentidos para o que se escreve.

Textos de diferentes gêneros e formatos (escritos, visuais, híbridos), bem como propostas de escrita com diferentes propósitos, contribuem para a formação do leitor e do produtor textual competente. Entende-se, por leitor competente, aquele que é capaz de realizar leituras com diferentes propósitos (para

estudar, para buscar informações, para se divertir, para seguir instruções, entre outros) e compreendê-las; e por escritor competente aquele que consegue se comunicar (verbalmente ou por escrito), se fazer compreender. Vale ressaltar que a produção oral também precisa ser considerada como produção textual e que os gêneros orais, como debates regrados, seminários, *podcasts*, vídeos-minuto, entre outros, são gêneros que precisam ser ensinados no espaço escolar.

Para a formação do leitor autônomo, faz-se necessário investir em situações que favoreçam o domínio da **fluência em leitura**. A fluência de leitura pressupõe ritmo, entonação, compreensão global tanto na leitura em voz alta quanto na leitura realizada silenciosamente.

Como refere a Política Nacional de Alfabetização, a “**compreensão de textos é o propósito da leitura**”.<sup>3</sup> Para que o leitor seja capaz de interpretar adequadamente um texto, ele precisa dominar as diferentes estratégias de produção e condições em que um texto é produzido. Segundo a PNA, são quatro processos gerais que permitem averiguar em que medida o leitor é capaz de atribuir significado ao que lê. São eles: a) localizar e retirar informação explícita; b) fazer inferência direta; c) interpretar e relacionar ideias e informação; e d) analisar e avaliar conteúdos e elementos textuais.

Assim, além da fluência em leitura, é preciso promover também o **desenvolvimento do vocabulário**, tanto o receptivo quanto o expressivo. Para dominar o vocabulário de leitura, no processo inicial, os alunos têm como referência a própria fala, forma de linguagem que ele já desenvolveu.

A produção escrita, por sua vez, diz respeito a habilidade desde escrever palavras até produzir textos. O progresso nos níveis de produção escrita acontece à medida que se consolida a alfabetização e se avança na literacia. Para crianças mais novas, escrever ajuda a reforçar a consciência fonêmica e a instrução fônica. Para crianças mais velhas, a escrita ajuda a entender as diversas tipologias e gêneros textuais.<sup>4</sup>

Postas as questões anteriores sobre o significado da alfabetização, vale destacar duas premissas relevantes apresentadas na PNA. A primeira, que a aprendizagem da leitura e da escrita são processos de ensino-aprendizagem. Na leitura e na escrita, o que se ensina são estratégias que podem potencializar o processamento da informação e a construção de sentidos pelos estudantes, não apenas a identificação das combinações dos grafemas (a decodificação dos símbolos gráficos). Outra premissa destacada pela PNA coloca a família como participante deste processo, em coparticipação com a escola. Com especificidades bem definidas, família e escola podem atuar juntas no processo de alfabetização. Vamos, então, à compreensão de alguns dos conceitos fundamentais apresentados pela PNA.

### ► 3.1. LITERACIA E LITERACIA EMERGENTE

Entender o que e como a criança aprende, prescinde do conhecimento que se tem sobre a linguagem e sua relação com outros processos cognitivos envolvidos na relação ensino-aprendizagem. O conceito de **literacia** destaca a importância de compreender-se a

<sup>3</sup> BRASIL. Ministério da Educação. **PNA**: Política Nacional de Alfabetização. Brasília, DF: Sealf, 2019. p. 34. Disponível em: [http://alfabetizacao.mec.gov.br/images/pdf/caderdo\\_final\\_pna.pdf](http://alfabetizacao.mec.gov.br/images/pdf/caderdo_final_pna.pdf). Acesso em: 7 ago. 2021.

<sup>4</sup> BRASIL. Ministério da Educação. **PNA**: Política Nacional de Alfabetização. Brasília, DF: Sealf, 2019. p. 34. Disponível em: [http://alfabetizacao.mec.gov.br/images/pdf/caderdo\\_final\\_pna.pdf](http://alfabetizacao.mec.gov.br/images/pdf/caderdo_final_pna.pdf). Acesso em: 7 ago. 2021.

inter-relação entre os diferentes conhecimentos que a criança vivencia desde o momento de seu nascimento para que aprenda a ler e escrever.

Assim, é preciso ter-se em mente que o início do processo de aquisição de leitura e escrita é pautado nos modelos de linguagem que a criança já adquiriu – ou seja, a fala, como já sinalizamos anteriormente. Ao ler para e com uma criança, de maneira dialogada, compartilhando com ela as ilustrações, apontando as palavras lidas, conversando a respeito de seus significados, mostra-se a possibilidade de uso da leitura, pelo compartilhamento da ideia escrita. Ao interpretar com a criança o texto lido, vivenciando com ela uma situação prazerosa, em que a imaginação e a criatividade possam estar em jogo, promove-se o incentivo à construção daquele conhecimento e potencializa-se a aprendizagem da escrita, alicerça-se o processo de alfabetização, constituindo-se, essas práticas, na **Literacia Emergente**.

Assim, podemos falar em **Literacia** como a aprendizagem de habilidades de leitura e escrita relacionada ao sistema de escrita da cultura em que a criança está inserida. No campo da literacia, as **competências leitoras** vão ganhando contornos iniciais na relação que a criança estabelece com diferentes interlocutores. As **estratégias de leitura**, de acordo com Isabel Solé,<sup>5</sup> são instrumentos necessários para o desenvolvimento de uma leitura proficiente, usadas no ensino de leitura, pressupõem que o aluno compreenda e interprete de forma independente os textos lidos, permitindo a formação de um leitor independente, crítico e reflexivo.

### ► 3.2. LITERACIA FAMILIAR

As práticas relacionadas à leitura e à escrita que são vivenciadas e compartilhadas no ambiente familiar compreendem a **literacia familiar**. Tais práticas consistem no compartilhamento de leituras, bilhetes, textos no cotidiano familiar que incentivam às crianças a ler e escrever como práticas significativas. No contexto familiar, assim como na escola, a **leitura dialogada**, em que os familiares conversam com a criança sobre o conteúdo lido, a **leitura compartilhada**, em que cada um lê um trecho de uma história, por exemplo, ou a elaboração de textos coletivos (histórias, diários, álbuns, listas de compras ou de tarefas), são atividades que compõem a literacia familiar e que ajudam amplamente a incentivar a criança a adquirir e desenvolver a leitura e a escrita como práticas significativas. Além disso, como preconiza a BNCC, no campo dos estudos das ciências humanas, particularmente, aqui, de história, a valorização da parceria de trabalho com a família, fortalece o reconhecimento do Eu e o sentimento de pertencimento dos alunos à vida da família e da comunidade, bem como da própria história de vida e de sua cultura, fatores primordiais para a constituição de saberes e do sentimento de pertencimento a um determinado grupo ou cultura.

As questões que nos levam a pensar a História como um saber necessário para a formação das crianças e jovens na escola são as originárias do tempo presente. O passado que deve impulsionar a dinâmica do ensino-aprendizagem no Ensino Fundamental é aquele que dialoga com o tempo atual.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Brasília, DF: SEB, 2018. p. 397. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versoafinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versoafinal_site.pdf). Acesso em: 7 ago. 2021.

<sup>5</sup> SOLÉ, Isabel. . **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

### ► 3.3. CONSCIÊNCIA LINGUÍSTICA, FONÊMICA E FONOLÓGICA

Aprender a escrever significa apropriar-se do Sistema de Escrita Alfabético (SEA) para poder utilizá-lo na produção de textos escritos que possam ser lidos e compreendidos autonomamente, sem a participação de algum mediador. Saber ler implica compreender o que as palavras escritas significam. Saber escrever implica em dominar o SEA e as regras de combinações entre as palavras de modo que se consiga transmitir suas ideias por essa modalidade, ou seja, ser lido e compreendido. O objetivo do ensino da leitura e da escrita é, portanto, mediar a aprendizagem de modo que o aprendiz tenha autonomia nessas atividades de produção e compreensão da escrita.

A percepção de que o Sistema de Escrita Alfabético (SEA) é constituído por letras que se combinam de acordo com regras para que se transformem em palavras, requer orientação, organização e muita experimentação para que se transforme em um conhecimento sistematizado. Nesse processo, o adulto é mediador na construção do conhecimento: promove situações para provocar na criança a tomada de consciência sobre cada parte constitutiva do SEA e os diferentes modos de combinação das letras e palavras que compõem um texto.

Na aprendizagem, a criança vai tomando consciência de que a fala é constituída de pequenas partes, chamadas **fonemas** (a **consciência fonêmica**) e que esses fonemas, combinados de diferentes maneiras, produzem sons diferentes. À percepção do resultado dessa combinação fonêmica, chama-se de **consciência fonológica**.

A consciência fonológica, como um ramo da consciência metalinguística, é entendida como a capacidade de refletir sobre a linguagem, mais especificamente sobre os sons que formam as palavras. Costa (2003, p. 138) define consciência fonológica como “a consciência de que as palavras são formadas por diferentes sons ou grupos de sons e que elas podem ser segmentadas em unidades menores”.

MADRIL, Líliliana Fraga dos Santos. Consciência fonológica, sistema de escrita alfabética e letramento: sequências didáticas na alfabetização. In: X ANPED SUL. *Anais [...]*, Florianópolis, out. 2014. Disponível em: [http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq\\_pdf/1296-0.pdf](http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/1296-0.pdf). Acesso em: 3 ago. 2021.

Nas várias combinações de sons, palavras, sentenças, textos falados e escritos se constroem e podem ser, também, compreendidos, nos jogos de palavras, nas interações, nas diferentes situações em que as palavras são enunciadas. À percepção dessas ações chama-se **consciência linguística**, que só é possível pela **mediação** do outro. É assim que a palavra "manga" pode ser entendida como parte de uma camisa ou uma fruta, que "sapo" combina com "papo" pelos sons das duas palavras, mais do que pelos sentidos. Assim, quando se ensina a ler e a escrever em um sistema alfabético, o que se ensina é um modo de representação gráfica que representa sons e sentidos por meio de letras e palavras.

Enfim, a exposição da criança a materiais em que a escrita esteja presente, com um adulto mediando a apropriação desses materiais para que eles façam sentido e sejam compreendidos em seus usos sociais, como nos ensina Vygotsky,<sup>6</sup> potencializa a aprendizagem da criança em todos os aspectos de seu desenvolvimento integral, biopsicossocial e cultural.

A exposição a diferentes materiais e saberes, em diferentes relações sociais, promove a aprendizagem. O trabalho com História, como indicado pela BNCC, por meio dos **processos** de identificação,

<sup>6</sup> VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001; VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

comparação, contextualização, interpretação e análise de um objeto, estimula o pensamento, produz saberes, entre os quais destaca-se:

a capacidade de comunicação e diálogo, instrumento necessário para o respeito à pluralidade cultural, social e política, bem como para o enfrentamento de circunstâncias marcadas pela tensão e pelo conflito. A lógica da palavra, da argumentação, é aquela que permite ao sujeito enfrentar os problemas e propor soluções com vistas à superação das contradições políticas, econômicas e sociais do mundo em que vivemos.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Brasília, DF: SEB, 2018. p. 398. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518-versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf). Acesso em: 7 ago. 2021)

### ▶ 3.4. NUMERACIA

Outro conceito importante apresentado na PNA é a **Numeracia**, ou seja, as habilidades de matemática que permitem resolver problemas da vida cotidiana e lidar com informações matemáticas.<sup>7</sup> Segundo a PNA, o conhecimento dos processos de aprendizagem de leitura, escrita e matemática têm como objetivo a compreensão de diversas situações da vida e não se separam de outras dimensões do desenvolvimento como o físico, emocional, moral, social, cognitivo e linguístico, devendo sempre acontecer em contextos pedagógicos adequados.

De acordo com a BNCC, no desenvolvimento de conteúdos relativos à História, aprender a identificar códigos variados é tarefa necessária para o desenvolvimento da cognição, comunicação e socialização, competências essenciais para o viver em sociedade.<sup>8</sup> Nesse contexto, um exemplo do quanto a numeracia é importante e pode ser implementada pela História, está na compreensão do significado sobre as diferentes formas de registros numéricos, de contagem de pessoas, por exemplo, que varia entre culturas diferentes. Identificar essas diferenças significa tomar consciência de que existem várias formas de apreensão da realidade.<sup>9</sup>

### ▶ 3.5. O PISA E A COMPETÊNCIA LEITORA

O Pisa é um exame que busca medir o conhecimento e a habilidade em leitura, matemática e ciências de estudantes com 15 anos de idade. Ele é organizado pela OCDE e ocorre de três em três anos.

Na primeira edição do Pisa, em 2000, o Brasil obteve 396 pontos em leitura; na sexta, ocorrida em 2015, atingiu a casa dos 407 pontos. Na edição de 2018, a média dos estudantes brasileiros foi a 413 pontos, um pequeno avanço em relação ao exame de 2015. É certo que houve uma melhoria desse indicador em relação à primeira edição, quando o resultado do Brasil foi de 396 pontos, mas essa elevação, segundo critérios da OCDE, não é estatisticamente relevante. Portanto, a situação de dificuldade com a competência leitora entre nossos estudantes tem permanecido estável por muito tempo, por isso o assunto merece atenção.

<sup>7</sup> BRASIL. Ministério da Educação. **PNA**: Política Nacional de Alfabetização. Brasília, DF: Sealf, 2019. p. 24. Disponível em: [http://alfabetizacao.mec.gov.br/images/pdf/caderdo\\_final\\_pna.pdf](http://alfabetizacao.mec.gov.br/images/pdf/caderdo_final_pna.pdf). Acesso em: 7 ago. 2021.

<sup>8</sup> BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Brasília, DF: SEB, 2018. p. 404. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518-versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf). Acesso em: 7 ago. 2021.

<sup>9</sup> BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Brasília, DF: SEB, 2018. p. 403. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518-versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf). Acesso em: 7 ago. 2021.

Sabendo que o Pisa constrói as questões das provas de leitura com o objetivo de medir a compreensão e a interpretação de textos e imagens e o grau de autonomia do aluno para compreender a realidade e reconhecê-la por meio da representação gráfica, conclui-se que nossos alunos precisam muito desenvolver tanto a competência leitora quanto a escritora. Daí a ênfase que demos a esse trabalho desde os anos iniciais do Ensino Fundamental.

## 4. PROTAGONISMO DO ALUNO

O aluno é visto como protagonista na construção do saber histórico escolar. Daí a nossa decisão de escutar a voz do aluno, valorizar suas falas e suas produções. O aluno não é um vaso onde se plantam as flores que se quer, mas sim um sujeito ativo que, desde cedo, entra em contato com diferentes linguagens e tem de responder a diferentes estímulos: textuais, imagéticos, sonoros, gestuais, entre outros.

### ► 4.1. ATIVIDADES QUE ESTIMULAM O DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS E HABILIDADES

Podemos distinguir três competências fundamentais nos seguintes níveis:

- **Nível básico:** se desenvolvem por meio de atividades como ler, identificar, observar, localizar, descrever, nomear, perceber, entre outras.
- **Nível operacional:** se desenvolvem por meio de atividades como associar, relacionar, comparar, compreender, interpretar, justificar, representar, entre outras.
- **Nível global:** se desenvolvem por meio de atividades como avaliar, analisar, aplicar, construir, concluir, deduzir, explicar, inferir, julgar, resolver, solucionar, entre outras.

A articulação entre esses três níveis de competências é decisiva no processo de ensino-aprendizagem e está no cerne da nossa proposta didático-pedagógica.

## 5. ENSINO DE HISTÓRIA E A NOVA CONCEPÇÃO DE DOCUMENTO

Na visão positivista da História, o documento era visto, sobretudo, como prova do real. Aplicada ao livro escolar, essa forma de ver o documento assumia um caráter teleológico – o documento cumpria uma função bem específica: ressaltar, exemplificar e, sobretudo, dar credibilidade à argumentação desenvolvida pelo autor. Na sala de aula isso se reproduzia: o documento servia para exemplificar, destacar e, principalmente, confirmar a fala do professor durante a exposição.

Com a Escola dos Annales, fundada pelos historiadores franceses Lucien Febvre e Marc Bloch, adveio uma nova concepção de documento que nasceu da certeza de que o pas-

sado não pode ser recuperado tal como aconteceu, e que a sua investigação só pode ser feita tomando-se por base os problemas colocados pelo presente. Essa nova corrente historiográfica, que se formou com base na crítica ao positivismo, propôs um número tão grande e significativo de inovações que o historiador Peter Burke referiu-se a essa corrente como “a Revolução Francesa da historiografia”.

Contra-pondo-se à escola positivista, tributária do pensamento do filósofo alemão Leopold von Ranke, que via o documento como prova do real e capaz de falar por si mesmo, a Escola dos Annales propunha uma ampliação e um novo tratamento a ser dado ao documento. Eis o que diz Jacques Le Goff, um dos teóricos da nova História:

[...] A História Nova ampliou o campo do documento histórico; ela substituiu a história de Langlois e Seignobos, fundada essencialmente nos textos, no documento escrito, por uma história baseada numa multiplicidade de documentos: [...] figurados, produtos de escavações arqueológicas, documentos orais etc. Uma estatística, uma curva de preços, uma fotografia, um filme, ou, para um passado mais distante, um pólen fóssil, uma ferramenta, um ex-voto são, para a História Nova, documentos de primeira ordem. [...]

LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990. p. 28-29.

Mas, se por um lado, é consensual entre os historiadores que estamos vivendo uma “revolução documental”, a reflexão sobre o uso de documentos em sala de aula merece maior atenção. Com base nas reflexões daqueles que pensaram o assunto e em nossa experiência docente recomendamos, ao trabalhar com documentos na sala de aula:

- a)** evitar ver o documento como “prova do real”, procurando situá-lo como ponto de partida para se construírem aproximações em torno do episódio focalizado;
- b)** ultrapassar a descrição pura e simples do documento e apresentá-lo ao aluno como matéria-prima de que se servem os historiadores na sua incessante pesquisa;
- c)** considerar que um documento não fala por si mesmo. É necessário levantar questões sobre ele e com base nele. Um documento sobre o qual não se sabe por quem, para que e quando foi escrito é como uma fotografia sem crédito ou legenda: tem pouca serventia para o historiador;
- d)** levar em conta que todo documento é um objeto material e, ao mesmo tempo, portador de um conteúdo;
- e)** considerar que não há conhecimento neutro: um documento tem sempre um ou mais autores, e ele(s) tem(têm) uma posição que é necessário que se saiba identificar. Visto por este ângulo, o trabalho com documentos tem pelo menos três utilidades:
  - facilita ao professor o desempenho de seu papel de mediador. A sala de aula deixa de ser o espaço onde se ouvem apenas as vozes do professor ou a do autor do livro didático (tido muitas vezes como narrador onisciente que tudo sabe e tudo vê) para

ser o lugar onde ecoam múltiplas vozes, incluindo-se aí as vozes de pessoas que presenciaram os fatos focalizados;

- possibilita ao aluno desenvolver um olhar crítico e aperfeiçoar-se como leitor e produtor de textos históricos;
- diminui a distância entre o conhecimento acadêmico e o saber escolar, uma vez que o aluno é convidado a se iniciar na crítica e contextualização dos documentos, procedimento importante para a educação histórica.

## ► 5.1. O TRABALHO COM IMAGENS FIXAS

Vivemos em uma civilização da imagem. Uma grande quantidade de imagens é posta diariamente diante dos olhos dos nossos alunos numa velocidade crescente, e sua transformação em fonte para o conhecimento da História pode, com certeza, ajudar na formação de um leitor atento, autônomo e crítico. Um leitor capaz de perceber que a imagem não reproduz o real; ela congela um instante do real “organizando-o” de acordo com uma determinada estética e visão de mundo. Um leitor capaz de receber criticamente os meios de comunicação; capaz, enfim, de perceber que a imagem efêmera que a mídia veicula como verdadeira pode ser – e quase sempre é – a imagem preferida, a que se escolheu mostrar!

Esse fato não passou despercebido pelos professores que, reconhecendo o potencial pedagógico das imagens, passaram a utilizá-las com frequência no ensino de História. Elencamos a seguir alguns cuidados necessários para o trabalho com elas.

## ► 5.2. CUIDADOS AO TRABALHAR COM IMAGENS

Ao se decidir pelo uso de imagens fixas na sala de aula, levar em conta que essa prática pedagógica requer vários cuidados, alguns dos quais são listados a seguir:

### 5.2.1. A IMAGEM É POLISSÊMICA

Misto de arte e ciência, técnica e cultura, a imagem é polissêmica; até um simples retrato admite várias interpretações. Exemplo disso é ver um álbum de fotografias em família – uma mesma foto que desperta alegria ou satisfação nos avós poderá ser causa de inibição ou vergonha para os netos. Outro exemplo:

**Mona Lisa**, certamente o quadro mais conhecido do mundo, pode ser tomado como exemplo dessa característica da

MUSEU DO LOUVRE, PARIS, GILLMAR/SHUTTERSTOCK.COM



▲ Leonardo da Vinci. **Mona Lisa**, 1503-1518. Óleo sobre madeira, 77 cm x 53 cm.

imagem. Já se afirmou que se estivermos melancólicos temos tendência a ver, no sorriso enigmático da personagem retratada, melancolia; se estivermos alegres, ela nos parecerá contente; ou seja, ela expressa os nossos sentimentos no momento em que a vemos.

### 5.2.2. A IMAGEM É UMA REPRESENTAÇÃO DO REAL

De natureza polissêmica, a imagem é uma representação do real e não a sua reprodução. Sobre isso relata Pierre Villar que certa vez perguntou a seus alunos:

— O que é Guernica?

Eles lhe responderam imediatamente:

— Guernica é um quadro!

Daí comenta o arguto historiador Pierre Villar:

Efetivamente, [...] Guernica – no espírito de muita gente que não tem mais cuidado de saber exatamente de onde isto surgiu – é um quadro de Picasso. [...] Guernica tornou-se a representação de um fato preciso. O fato preciso está esquecido, a representação continua.

D'ALESSIO, Márcia Mansor *et al.* (org.). **Reflexões sobre o saber histórico**. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998. p. 30. (Prismas).

O fato preciso a que Pierre Villar está se referindo é, como se sabe, o bombardeio da pequenina cidade espanhola de Guernica pela aviação nazista, a mando de Hitler, durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939). O fato, o bombardeio, ocorrido em 26 de abril de 1937, foi esquecido; a representação produzida por Picasso, um óleo sobre tela, com o nome de Guernica, permaneceu marcando gerações. Não é demais repetir – quando o professor perguntou o que é Guernica, os alunos responderam: um quadro.

© SUCCESSION PABLO PICASSO/AUTVIS, BRASIL, 2021



▲ Pablo Picasso. **Guernica**, 1937. Óleo sobre tela, 349 cm x 776 cm.

### 5.2.3. A IMAGEM POSSUI UM EFEITO DE REALIDADE

O que torna mais escorregadio o terreno para quem se decide pelo uso de imagens na sala de aula é justamente o fato de a imagem possuir um efeito de realidade, ou seja, a capacidade de parecer a própria realidade.

Se apresentarmos ao alunado a imagem de D. Pedro I, de barba escura, e a de D. Pedro II, de barba branca, e perguntarmos qual deles é o pai e qual é o filho, muitos dirão, provavelmente, que D. Pedro I é que é o filho de D. Pedro II!

Sobre a construção das imagens de D. Pedro I, como jovem, e a de D. Pedro II, como velho, observou uma estudiosa:

A ilustração do pai jovem e do filho velho tem causado uma certa perplexidade aos jovens leitores e falta a explicação do aparente paradoxo. A imagem de um D. Pedro II velho foi construída no período pós-monárquico e demonstra a intenção dos republicanos em explicar a queda de uma monarquia envelhecida que não teria continuidade. É interessante destacar a permanência dessas ilustrações na produção atual dos manuais, reforçando uma interpretação utilizada pelos republicanos no início do século XX, mesmo depois de variadas pesquisas e publicações historiográficas sobre os conflitos e tensões do período.

BITTENCOURT, Circe. Livros didáticos entre textos e imagens. In: BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 80.

COLEÇÃO PARTICULAR, GILLMAR/SHUTTERSTOCK.COM



▲ Simplício Rodrigues de Sá. **D. Pedro I**, 1826. Óleo sobre tela, 60 cm x 76 cm.

MUSEU IMPERIAL, PETRÓPOLIS, RIO DE JANEIRO, GILLMAR/SHUTTERSTOCK.COM



▲ Pedro Américo. **D. Pedro II na abertura do Parlamento**, 1872. Óleo sobre tela.

#### 5.2.4. VER NÃO É SINÔNIMO DE CONHECER

Vivemos num tempo em que se busca reduzir o acontecimento à sua imagem, em vez de explicá-lo e contextualizá-lo historicamente; numa época em que querem nos fazer crer que ver é sinônimo de conhecer. No entanto, é preciso que se repita à exaustão: “eu vi” não significa “eu conheço”. Assim, ver no noticiário televisivo um episódio do conflito no Oriente Médio não significa conhecer aquele conflito, seus motivos, contexto, teatro de operações etc. Sobre isso disse uma estudiosa:

Os historiadores se deparam hoje com este fenômeno histórico inusitado: a transformação do acontecimento em imagem. [...] Não se busca mais tornar politicamente inteligíveis uma situação ou um acontecimento, mas apenas mostrar sua imagem. Conhecer se reduz a ver ou, mais ainda, a “pegar no ar”, já que a mensagem da mídia é efêmera.

BITTENCOURT, Circe. Livros didáticos entre textos e imagens. In: BITTENCOURT, Circe (org.) **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 80.

Um equívoco recorrente quando o assunto é imagem é a afirmação de que a imagem fala por si mesma. Como lembrou uma ensaísta:

É ilusório pensar-se que as imagens se comuniquem imediata e diretamente ao observador, levando sempre vantagem à palavra, pela imposição clara de um conteúdo explícito. Na maioria das vezes, ao contrário, se calam em segredo, após a manifestação do mais óbvio: por vezes, em seu isolamento, se retraem à comunicação, exigindo a contextualização, única via de acesso seguro ao que possam significar. Por outro lado, são difíceis de se deixarem traduzir num código diverso como o da linguagem verbal.

LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de família**: leitura da fotografia histórica. São Paulo: Edusp, 1993. p. 12.

De fato, a imagem é captada pelo olho, mas traduzida pela palavra. Tomá-la como fonte para o conhecimento da História envolve vê-la como uma representação, uma estratégia, uma linguagem com sintaxe própria; para obter as informações com base nela é indispensável desnaturalizá-la e contextualizá-la, interrogando-a com perguntas como: por que, por quem, em que contexto e com que intenção foi produzida. É indispensável, enfim, perceber que a imagem não reproduz o real; ela congela um instante do real, “organizando-o” de acordo com uma determinada estética e visão de mundo.

#### ► 5.3. IMAGENS FIXAS NA SALA DE AULA

O trabalho com imagens pode ajudar no desenvolvimento da competência de ler e escrever com base no registro visual, bem como estimular as habilidades de observar, descrever, sintetizar, relacionar e contextualizar. Além disso, contribui decisivamente para a “educação do olhar”, para usar uma expressão cunhada por Circe Bittencourt.

Com base nas reflexões de alguns estudiosos e em nossa experiência didática, e cientes de que essa tarefa não é das mais fáceis, propomos a seguir alguns procedimentos para introduzir a leitura de imagens fixas na sala de aula:

**Passo número 1.** Apresentar ao aluno uma imagem (fotografia, pintura, gravura, caricatura etc.) sem qualquer legenda ou crédito. A seguir, pedir a ele que observe a imagem e, antes de qualquer coisa, descreva livremente o que está vendo. A intenção é permitir que o aluno associe o que está vendo às informações que já possui, levando em conta, portanto, seus conhecimentos prévios. Nessa leitura inicial, o aluno é estimulado a identificar o tema, as personagens, suas ações, posturas, vestimentas, calçados e adornos, os objetos presentes na cena e suas características, o que está em primeiro plano e ao fundo, se é uma cena cotidiana ou rara. Enfim, estimular no aluno o senso de observação e a capacidade de levantar hipóteses e traçar comparações.

**Passo número 2.** Buscar com o aluno o máximo de informações internas e externas à imagem.

Para obter as informações internas (quando o destaque forem as pessoas), fazer perguntas como: Quem são? Como estão vestidas? O que estão fazendo?

Quem está em primeiro plano? E ao fundo? etc. Já quando o destaque for um objeto, perguntar: O que é isto? Do que é feito? Para que serve ou servia? Onde se encontra?

Quanto às informações externas, perguntar: Quem fez? Quando fez? Para que fez? Em que contexto fez?

**Passo número 3.** De posse das informações obtidas na pesquisa, pedir ao aluno, ele próprio, que produza uma legenda para a imagem. A legenda pode ser predominantemente descritiva, explicativa, analítica e/ou ainda conter uma crítica.

Na produção da legenda pelo aluno, são trabalhadas principalmente as habilidades de observar, descrever, associar, relacionar, sintetizar e, por fim, contextualizar. Levar o aluno a contextualizar o oceano de imagens que seus olhos absorvem a todo instante numa velocidade crescente talvez seja um dos maiores desafios do professor de História.

Por fim, uma pergunta: por que trabalhar com imagens em sala de aula?

O trabalho com imagens na sala de aula atende a três propósitos:

- a) educar o olhar;
- b) contribuir para a formação ou consolidação de conceitos;
- c) estimular a competência escritora.

Na nossa prática docente, nós, professores de História, habitualmente propomos um texto, o interrogamos, e, assim, estimulamos o alunado a escrever com base nele. O que estamos propondo é continuar estimulando a escrita com base em um texto, mas, ao mesmo tempo, levar o alunado a escrever também com base em uma imagem (um texto para ela, sobre ela, tomando-se por base ela).

## 6. POR QUE ESTUDAR A TEMÁTICA AFRO E A TEMÁTICA INDÍGENA?

Em 2003, coroando uma luta de décadas da sociedade civil, o governo promulgou a Lei nº 10.639, que tornou obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira no Ensino Fundamental e Médio das escolas públicas e particulares.

A Lei nº 11.645/08 modificou a Lei nº 10.639/03 e acrescentou a obrigatoriedade de também se estudarem história e cultura dos povos indígenas no Ensino Fundamental e Médio das escolas públicas e particulares.

Será que é por obediência à lei que se devem estudar a temática afro e a temática indígena?

Não só, pois, além de obedecer à lei e contribuir, assim, para a construção da cidadania, há razões para se trabalharem a temática afro e a indígena na escola que merecem ser explicitadas, a saber:

- a) o estudo das matrizes afro e indígena é fundamental para a construção de identidades;
- b) esse trabalho atende a uma antiga reivindicação dos movimentos indígenas e dos movimentos negros: “o direito à história”;
- c) o estudo dessas temáticas contribui para a educação voltada à tolerância e ao respeito ao “outro” e, desse modo, é indispensável a toda população brasileira, seja ela indígena, afro-brasileira ou não.

Cabe lembrar também que a população indígena atual, cerca de 897 mil pessoas, segundo o Censo do IBGE-2010, vem crescendo e continua lutando em defesa de seus direitos à cidadania plena. Já os afro-brasileiros (pardos e pretos, segundo o IBGE) constituem mais da metade da população brasileira. Além disso, todos os brasileiros, independentemente da cor ou da origem, têm o direito e a necessidade de conhecer a diversidade étnico-cultural existente no território nacional. Sobre esse assunto o historiador Itamar Freitas disse:

Em síntese, nossos filhos e alunos têm o direito de saber que as pessoas são diferentes. Que o mundo é plural e a cultura é diversa. Que essa diversidade deve ser conhecida, respeitada e valorizada. E mais, que a diferença e a diversidade são benéficas para a convivência das pessoas, a manutenção da democracia, e a sobrevivência da espécie.

FREITAS, Itamar. A experiência indígena no ensino de História. In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (org.). **História: ensino fundamental**. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. p. 161. (Coleção Explorando o ensino).

Do ponto de vista da alfabetização, da linguagem, há mais um fator importante: há muita influência dessas culturas, desses povos na nossa língua, na estrutura e no vocabulário – entender a história dos povos, da cultura ajuda na compreensão das palavras e, conseqüentemente, na memorização da forma ortográfica de grafia das palavras.

## 7.

# ORIENTAÇÕES PARA O USO DA INTERNET

Se a utilidade da internet é consenso entre os educadores, os procedimentos para seu uso têm sido alvo de acalorados debates. Uma das questões que mais tem preocupado os educadores é que, se, por um lado, a internet facilita o acesso a um leque amplo de textos e imagens, por outro, pode criar o hábito de buscar o “trabalho pronto”, usando o famoso copiar/colar/imprimir; ou seja, encerrando a pesquisa naquele que deveria ser o seu primeiro passo. No que tange ao nosso campo de atuação, a questão pode ser resumida na seguinte pergunta: a internet serve ao professor de História?

Sim, certamente; para isso, sugerimos alguns procedimentos:

- a) Definir previamente os objetivos da pesquisa e solicitar aos alunos que, enquanto estiverem pesquisando, não desviem a atenção da proposta inicial, entrando em salas de bate-papo ou locais para ouvir música ou jogar.
- b) Encorajar a problematização dos materiais encontrados na rede; depois de localizar os *sites* que tratam de um mesmo assunto ou tema, estimular o alunado a questionar as fontes em que os *sites* se apoiam, identificar as ausências de informações significativas sobre o assunto, confirmar a veracidade das informações veiculadas, e, por fim, estimular o posicionamento crítico diante das informações e análises ali disponíveis.
- c) Sugerir ao alunado que relacione os *sites* encontrados a outros materiais sugeridos em aula, favorecendo a percepção de que *sites*, livros, revistas científicas e entrevistas são fontes complementares. Isso poderá facilitar a percepção de que um tema histórico pode ser melhor compreendido se recorrermos a diferentes fontes e à crítica das mesmas.
- d) Alertar o alunado para o fato de que nem tudo o que está na rede é verdade e que as *homepages* são por vezes muito pouco consistentes. Por isso, a indicação do tema deve vir acompanhada de perguntas que orientem os alunos a investigar. Sugerimos, quando possível, oferecer um conjunto de *sites* confiáveis sobre o assunto.
- e) Incentivar os alunos a trocarem informações com colegas de outras escolas do Brasil e/ou de outros países via redes sociais. Por meio delas, os alunos poderão também entrar em contato com autores, órgãos governamentais, instituições privadas, *blogs* de professores, entre outros. Esse acesso às informações/versões significativas é, com certeza, útil à educação histórica.

Assim utilizada, a internet pode ajudar os educandos a desenvolver competências e habilidades que lhes permitam apreender as várias durações temporais nas quais os diferentes atores sociais desenvolveram ou desenvolvem suas ações, condição básica para que sejam identificadas semelhanças/diferenças, mudanças/permanências e dominação/resistência existentes no processo histórico.

## 8. CONCEITOS-CHAVE DA ÁREA DE HISTÓRIA

Nesta obra nós trabalhamos alguns conceitos-chave na nossa disciplina como: História; tempo; cronologia; cultura, patrimônio cultural; identidade; memória; política e cidadania. A seguir, organizamos uma espécie de glossário com esses conceitos, que pode ser útil ao trabalho do professor na preparação de sua aula.

**História:** Marc Bloch define a História como estudo das sociedades humanas no tempo. Para ele:

O historiador nunca sai do tempo..., ele considera ora as grandes ondas de fenômenos aparentados que atravessem, longitudinalmente, a duração, ora o momento humano em que essas correntes se apertam no nó poderoso das consciências.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 135.

Seguindo a trilha aberta por Bloch, o historiador Holien Bezerra afirma que a História busca desvendar “as relações que se estabelecem entre os grupos humanos em diferentes tempos e espaços”.

BEZERRA, Holien Gonçalves. Ensino de História: conteúdos e conceitos básicos. In: KARNAL, Leandro (org). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 42.

**Tempo:** conceito-chave em História – O tempo é uma construção humana, e a percepção da passagem do tempo é uma construção cultural; varia de uma cultura a outra. As principais dimensões do tempo são: duração, sucessão e simultaneidade. Isto pode ser trabalhado em aula apresentando-se as diferentes maneiras de vivenciar e apreender o tempo e de registrar a duração, sucessão e simultaneidade dos eventos – tais conteúdos tornam-se, portanto, objetos de estudos históricos. O tempo que interessa ao historiador é o tempo histórico, o tempo das transformações e das permanências; o tempo histórico não obedece a um ritmo preciso e idêntico como o do relógio e/ou dos calendários, por isso, o historiador considera diferentes temporalidades/durações: a longa, a média e a curta duração.

**Cronologia:** sistema de marcação e datação baseado nas regras estabelecidas pela ciência astronômica, que tenta organizar os acontecimentos numa sequência regular e contínua.

## Cultura:

Entende-se por cultura todas as ações por meio das quais os povos expressam suas “formas de criar, fazer e viver” (Constituição Federal de 1988, art. 216). A cultura engloba tanto a linguagem com que as pessoas se comunicam, contam suas histórias, fazem seus poemas, quanto à forma como constroem suas casas, preparam seus alimentos, rezam, fazem festas. Enfim, suas crenças, suas visões de mundo, seus saberes e fazeres. Trata-se, portanto, de um processo dinâmico de transmissão, de geração a geração, de práticas, sentidos e valores, que se criam e recriam (ou são criados e recriados) no presente, na busca de soluções para os pequenos e grandes problemas que cada sociedade ou indivíduo enfrentam ao longo da existência.

IPHAN. **Patrimônio Cultural Imaterial**: para saber mais. Brasília, DF: Iphan, 2012. p. 7. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/cartilha\\_1\\_\\_parasabermais\\_web.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/cartilha_1__parasabermais_web.pdf). Acesso em: 3 ago. 2021.

Sobre esse conceito, o professor Holien Gonçalves Bezerra afirma:

[...] Cultura não é apenas o conjunto de manifestações artísticas. Envolve as formas de organização do trabalho, da casa, da família, do cotidiano das pessoas, dos ritos das religiões, das festas etc. assim, o estudo das identidades sociais, no âmbito das representações culturais, adquire significado e importância para a caracterização de grupos sociais e de povos.

BEZERRA, Holien Gonçalves. Ensino de História: conteúdos e conceitos básicos. In: KARNAL, Leandro. **História na sala de aula**: conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2007. p. 46.

## Patrimônio Cultural:

Constituem patrimônio histórico brasileiro os bens de natureza material e imaterial [...] nos quais se incluem: I – as formas de expressão; II – os modos de criar, fazer e viver; III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, ecológico e científico.

ORÍÁ, Ricardo. Memória e ensino de História. In: BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1998. p. 134. (Repensando o Ensino).

**Identidade**: pode ser definida como a construção do “eu” e do “outro” e a construção do “eu” e do “nós”, que tem lugar nos diferentes contextos da vida humana e nos diferentes espaços de convívio social. Essa construção baseia-se no reconhecimento de semelhanças/diferenças e de mudanças/permanências. Sobre o assunto disse uma ensaísta:

Um dos objetivos centrais do ensino de História, na atualidade, relaciona-se à sua contribuição na constituição de identidades. A identidade nacional, nessa perspectiva, é uma das identidades a serem constituídas pela História

escolar, mas, por outro lado, enfrenta ainda o desafio de ser entendida em suas relações com o local e o mundial.

A constituição de identidades associa-se à formação da cidadania, problema essencial na atualidade, ao se levar em conta as finalidades educacionais mais amplas e o papel da escola em particular.

BITTENCOURT Circe, **Ensino de História**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2012. p. 121.

A construção de identidades está relacionada também à memória.

**Memória:** Segundo Pedro Paulo Funari: “A memória [...] é uma recriação constante no presente, do passado enquanto representação, enquanto imagem impressa na mente”.<sup>10</sup> Memória pode ser definida então como o modo pelo qual os seres humanos se lembram ou se esquecem do passado; já a História pode ser vista como a crítica da memória. Em sociedades complexas, como a que vivemos, a memória coletiva cede lugar aos lugares de memória como museus, bibliotecas, espaços culturais, galerias, arquivos ou a uma “grande” história, a história da nação. A memória nos remete à questão do tempo.

**Cidadania:** o conceito de cidadania – chave na nossa proposta de ensino de História – tem como base as reflexões dos historiadores Carla Bassanezi Pinsky e Jaime Pinsky:

### Afinal, o que é ser cidadão?

Ser cidadão é ter direito à vida, à liberdade, à propriedade, à igualdade perante a lei: é, em resumo, ter direitos civis. É também participar no destino da sociedade, votar, ser votado, ter direitos políticos. Os direitos civis e políticos não asseguram a democracia sem os direitos sociais, aqueles que garantem a participação do indivíduo na riqueza coletiva: o direito à educação, ao trabalho, ao salário justo, à saúde, a uma velhice tranquila. Exercer a cidadania plena é ter direitos civis, políticos e sociais. Este livro trata do processo histórico que levou a sociedade ocidental a conquistar esses direitos, assim como dos passos que faltam para integrar os que ainda não são cidadãos plenos.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. **História da cidadania**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 9.

A compreensão da cidadania numa perspectiva histórica de lutas, confrontos e negociações, e constituída por intermédio de conquistas sociais de direitos, pode servir como referência para a organização dos conteúdos da disciplina histórica. Vale lembrar ainda que os conceitos possuem uma história, e que esta variou no tempo e no espaço. Cientes disso, evitamos visões anacrônicas, a-históricas ou carregadas de subjetividade.

<sup>10</sup> FUNARI, Pedro Paulo. **Antiguidade clássica**. Campinas: Editora da Unicamp, 2013. p. 16.

## Memória:

[...] a memória na concepção de [Meurice] Halbwachs é um processo de reconstrução, devendo ser analisada levando-se em consideração dois aspectos: o primeiro refere-se ao fato de que não se trata de uma repetição linear dos acontecimentos e vivências no contexto de interesses atuais; por outro lado, se diferencia dos acontecimentos e vivências que podem ser evocados e localizados em um determinado tempo e espaço envoltos num conjunto de relações sociais.

Para este, a lembrança necessita de uma comunidade afetiva, cuja construção se dá mediante o convívio social que os indivíduos estabelecem com outras pessoas ou grupos sociais, a lembrança individual é então baseada nas lembranças dos grupos nos quais esses indivíduos estiveram inseridos. Desse modo, a constituição da memória de um indivíduo resulta da combinação das memórias dos diferentes grupos dos quais está inserido e consequentemente é influenciado por eles, como por exemplo, a família, a escola, igreja, grupo de amigos ou no ambiente de trabalho. Nessa ótica, o indivíduo participa de dois tipos de memória, a individual e a coletiva.

Segundo Halbwachs o indivíduo que lembra está inserido na sociedade na qual sempre possui um ou mais grupo de referência, a memória é então sempre construída em grupo. [...]

[...] Halbwachs identifica que ao lado da memória coletiva, há também a chamada memória individual. Esta por sua vez, pode ser entendida como um ponto de vista sobre a memória coletiva, ponto de vista este, que pode sofrer alterações de acordo com o lugar que ocupamos em determinado grupo, assim como também está condicionado às relações que mantemos com outros ambientes. A assimilação das lembranças pode variar de membro para membro, visto que a quantidade de lembranças que são transportadas pela memória coletiva com maior ou menor intensidade, é realizada a partir do ponto de vista de cada sujeito.

A memória individual não está de todo isolada, ao passo que toma como referência sinais externos ao sujeito, isto é, a memória coletiva. [...] Para tanto, é importante assinalar que as lembranças que se destacam em primeiro plano da memória de um grupo social, são aquelas que foram vivenciadas por uma maior quantidade de integrantes desse grupo. Existe então, uma estreita relação entre memória coletiva e memória individual. Para Halbwachs:

para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser constituída sobre uma base comum. (HALBWACHS, 2013, p. 39).

[...]

SILVA, Giuslane Francisca da; HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Tradução de Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2013. **Aedos**, Porto Alegre, v. 8, n. 18, ago. 2016, p. 249-250. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/59252>. Acesso em: 3 ago. 2021.

# SEÇÃO INTRODUTÓRIA

## 9. QUADRO DE CONTEÚDOS DA COLEÇÃO

Para facilitar seu trabalho de planejamento e contemplar a proposta pedagógica da coleção, apresentamos enfim o quadro de conteúdos dos cinco volumes da coleção.

Considerando os pressupostos teórico-metodológicos expostos anteriormente, cada livro apresenta-se estruturado em quatro unidades temáticas.

	Unidade	Capítulo
1º ANO	1. Ser criança	1. Vamos nos apresentar!
		2. Criança, tempo e história
	2. Criança, família e comunidade	1. Viver em família
		2. Regras de convivência
	3. Brinquedos e brincadeiras	1. Brinquedos e brincadeiras
		2. Outros povos, outros modos de brincar
	4. A vida na família e na escola	1. As famílias são diferentes
		2. As escolas são diferentes
		3. Datas comemorativas

	Unidade	Capítulo
2º ANO	1. Meu lugar, minha comunidade	1. Eu e o outro, nós e os outros
		2. Rua
	2. O tempo	1. Contando o tempo
		2. Antes, durante e depois
		3. Relógio e calendário
	3. Registros históricos	1. Os objetos contam uma história
		2. Documentos pessoais
	4. Trabalho e meio ambiente	1. Trabalho e comunidade
		2. Trabalho e ambiente

	Unidade	Capítulo
3º ANO	1. Histórias de cidades brasileiras	1. Municípios brasileiros
		2. Cidades: histórias e culturas
	2. Patrimônio e memória	1. Patrimônios do Brasil
		2. Lugares de memória
3. Comunidades, espaço e poder	1. Comunidades	
	2. Espaço e poder	
4. Campo e cidade, trabalho e lazer	1. Mundo do trabalho	
	2. Trabalho	
	3. Trabalho e lazer no tempo	

	Unidade	Capítulo
4º ANO	1. Mudanças e permanências	1. Quem faz a história
		2. Tempo e primeiros tempos
	2. Circulação e comunicação na história	1. Da África para o mundo
		2. Cidades do presente e do passado
3. Meios de comunicação: passado e presente		
3. Formação do povo brasileiro	1. Povos indígenas no Brasil	
	2. Portugueses onde hoje é o Brasil	
	3. Africanos antes e depois dos Europeus	
4. Abolição e imigração	1. Abolição	
	2. Da Europa para a América	
	3. Imigrantes: trabalho, resistência e cultura	

	Unidade	Capítulo
5º ANO	1. Cultura, tempo e calendário	1. O "tempo do relógio" e outros tempos
		2. Os primeiros povoadores da Terra
		3. Povos antigos: religião e cultura
	2. Cidadania: passado e presente	1. O respeito à diversidade e à pluralidade
2. Cidadania: conquistas dos povos		
3. Cidadania: conquistas do povo brasileiro		
3. Linguagens e debates	1. O uso de diferentes linguagens na comunicação	
	2. Debates do nosso tempo	
4. Patrimônio e marcos de memória	1. Patrimônios da humanidade	
	2. Marcos de memória	

## 10. AVALIAÇÃO

Sabe-se que o processo de construção do conhecimento é dinâmico e não linear, assim, avaliar a aprendizagem implica avaliar também o ensino oferecido. É importante que toda a avaliação esteja relacionada aos objetivos propostos e, para atingi-los, é indispensável que os estudantes aprendam mais e melhor. Assim, os resultados de uma avaliação devem servir para reorientar a prática educacional e nunca como um meio de estigmatizar os estudantes.

Para pensar a avaliação, cuja importância é decisiva no processo de ensino-aprendizagem, lançamos mão das reflexões de César Coll<sup>11</sup> e dos PCNs. Para César Coll, a avaliação pode ser definida como uma série de atuações que devem cumprir duas funções básicas:

- diagnosticar: ou seja, identificar o tipo de ajuda pedagógica que será oferecida aos estudantes e ajustá-la progressivamente às características e às necessidades deles;
- controlar: ou seja, verificar se os objetivos foram ou não alcançados (ou até que ponto o foram).

Para diagnosticar e controlar o processo educativo, César Coll recomenda o uso de três tipos de avaliação:

	<b>Avaliação diagnóstica</b>	<b>Avaliação formativa</b>	<b>Avaliação somativa</b>
<b>O que avaliar?</b>	Os esquemas de conhecimento relevantes para o novo material ou situação de aprendizagem.	Os progressos, dificuldades, bloqueios etc. que marcam o processo de aprendizagem.	Os tipos e graus de aprendizagem que estipulam os objetivos (finais, de nível ou didáticos) a propósito dos conteúdos selecionados.
<b>Quando avaliar?</b>	No início de uma nova fase de aprendizagem.	Durante o processo de aprendizagem.	Ao final de uma etapa de aprendizagem.
<b>Como avaliar?</b>	Consulta e interpretação do histórico escolar do estudante. Registro e interpretação das respostas e comportamentos dos estudantes ante perguntas e situações relativas ao novo material de aprendizagem.	Observação sistemática e pautada do processo de aprendizagem. Registro das observações em planilhas de acompanhamento. Interpretação das observações.	Observação, registro e interpretação das respostas e comportamentos dos estudantes a perguntas e situações que exigem a utilização dos conteúdos aprendidos.

COLL, César. **Psicologia e currículo**. São Paulo: Ática, 1999. p. 151.

<sup>11</sup> COLL, César. **Psicologia e currículo**. São Paulo: Ática, 1999.

A **avaliação diagnóstica** busca verificar os conhecimentos prévios dos estudantes e possibilita a eles a tomada de consciência de suas limitações (imprecisões e contradições dos seus esquemas de conhecimento) e da necessidade de superá-las. A seção **O que sabemos?** busca oferecer subsídios para este tipo de avaliação no início do ano letivo.

A **avaliação formativa** visa avaliar o processo de aprendizagem. A avaliação formativa pode ser feita por meio da observação sistemática do estudante, com a ajuda de planilhas de acompanhamento (ficha ou instrumento equivalente em que se registram informações úteis ao acompanhamento do processo). Cada professor deve adequar a planilha de acompanhamento às suas necessidades. A seção **Retomando** busca oferecer subsídios para este tipo de avaliação ao fim das unidades. Ao longo deste Manual, as sugestões da seção **+Atividades** também podem servir ao propósito da avaliação formativa.

A **avaliação somativa** procura medir os resultados da aprendizagem dos estudantes confrontando-os com os objetivos que estão na origem da intervenção pedagógica, a fim de verificar se estes foram ou não alcançados ou até que ponto o foram. Ao final do livro, há a seção **O que aprendemos**, na qual você encontrará atividades que contribuem para esta avaliação.

Note-se que os três tipos de avaliação estão interligados e são complementares, podendo se desdobrar em processos com diferentes propostas. Nesta obra, há atividades variadas e cada uma delas pode servir a um desses propósitos avaliativos. Por meio deles o professor colhe elementos para planejar; o estudante toma consciência de suas conquistas, dificuldades e possibilidades; a escola identifica os aspectos das ações educacionais que necessitam de maior apoio.

A avaliação, portanto, deve visar ao processo educativo como um todo e não ao êxito ou fracasso dos estudantes.

## ► 10.1. ORIENTAÇÕES PARA A AVALIAÇÃO

Recomendamos que se empreguem na avaliação:

- a) **observação sistemática**: visa trabalhar as atitudes dos estudantes. Para isso, pode-se utilizar o diário de classe ou instrumento semelhante para fazer anotações. Exemplo: você pediu que os estudantes trouxessem material sobre a questão do meio ambiente, e um estudante, cujo rendimento na prova escrita não havia sido satisfatório, teve grande participação na execução desta tarefa; isto deverá ser levado em consideração na avaliação daquele bimestre. A observação sistemática será fundamental, por exemplo, nas atividades distribuídas ao longo dos capítulos, nas seções **Você cidadão!** e **Escutar e falar**, por exigirem dos estudantes espírito associativo e realização de produções variadas.
- b) **análise das produções dos estudantes**: busca estimular a competência do estudante na produção, leitura e interpretação de textos e imagens. Sugerimos levar em conta toda a produção, e não apenas o resultado de uma prova, e avaliar o desempenho em todos os trabalhos (pesquisa, relatório, história em qua-

drinhos, releitura de obras clássicas, prova etc.). Note-se que, para o estudante escrever ou desenhar bem, é necessário que ele desenvolva o hábito.

- c) atividades específicas:** visam estimular, sobretudo, a objetividade do estudante ao responder a um questionário ou expor um tema. Exemplo de pergunta: Pode-se dizer que no dia 22 de abril de 1500 o Brasil foi descoberto? Resposta: Não, pois as terras que hoje formam o Brasil eram habitadas por milhões de indígenas quando a esquadra de Cabral aqui chegou. Complemento da resposta: 22 de abril foi o dia em que Cabral tomou posse das terras que viriam a formar o Brasil para o rei de Portugal.
- d) autoavaliação:** visa ajudar o estudante a ganhar autonomia e a desenvolver a autocrítica. O estudante avalia suas produções e a recepção de seu trabalho entre os outros estudantes, bem como a comunicação de seus argumentos e resultados de trabalho.

### 10.1.1. MODELO DE OBSERVAÇÃO E AVALIAÇÃO DOS ALUNOS

Seguem abaixo alguns parâmetros que contribuem para o processo de avaliação (individual e autoavaliação).

#### 1. Participação do(a) aluno(a):

- Na elaboração e na execução das atividades.
- No desenrolar do processo.
- Na criação e na confecção de produtos e materiais para a aula.
- Nas apresentações.
- Nas atividades que mais exigem cooperação e solidariedade.

#### 2. Desempenho do(a) aluno(a):

- Quanto à aquisição de conteúdos conceituais e procedimentais.
- Quanto à atitude.
- Nas diferentes avaliações.
- Quanto à capacidade de argumentação, oral e escrita.
- Quanto à resolução de problemas.

#### 3. Autoavaliação

A autoavaliação é um aprendizado fundamental para a construção da autonomia do(a) aluno(a); além disso, democratiza o processo, pois envolve diferentes pontos de vista. Sugestões de perguntas para a autoavaliação:

- Você considerou interessante a atividade ou o trabalho realizados?
- Tinha conhecimentos anteriores que o(a) auxiliaram na realização?
- Foi fácil ou difícil? Se foi difícil, saberia dizer por quê?
- Como você avalia sua participação no grupo? (Realizou tarefas que contribuiriam para o trabalho? Sugeriu formas de organizar o trabalho? Colaborou com seus colegas na realização de tarefas?).
- Você considera que a maneira como o tema foi abordado ajudou na sua compreensão dos conteúdos e propostas de atividades?

► 10.2. FICHAS PARA MONITORAMENTO DE APRENDIZAGEM

FICHA DE ACOMPANHAMENTO INDIVIDUAL

UNIDADE 1 • MEU LUGAR, MINHA COMUNIDADE

Nome do estudante: \_\_\_\_\_

Escola: \_\_\_\_\_

Turma: \_\_\_\_\_ Nº do estudante: \_\_\_\_\_

Professor(a): \_\_\_\_\_

PC = Plenamente construído

EC = Em construção

NE = Precisa de mais estímulos

Objetivos pedagógicos	Avaliação	Observações
• Compreende o conceito de comunidade?	PC	
	EC	
	NE	
• Entende que ruas, quadras, praças e parques são espaços de sociabilidade?	PC	
	EC	
	NE	
• Reconhece os motivos que aproximam e separam pessoas?	PC	
	EC	
	NE	
• Compreende as práticas e papéis sociais dos indivíduos em diferentes comunidades?	PC	
	EC	
	NE	
• Entende o que são regras de convivência e a importância dessas regras no dia a dia?	PC	
	EC	
	NE	
• Demonstra noções de mudança, pertencimento e memória?	PC	
	EC	
	NE	

**Professor(a):** \_\_\_\_\_

**Escola:** \_\_\_\_\_

**Turma:** \_\_\_\_\_

**Observações gerais sobre o desempenho do grupo:**

---



---



---



---

PC = Plenamente construído

EC = Em construção

NE = Precisa de mais estímulos

Objetivos pedagógicos	Avaliação	Estratégias para remediação
• Compreende o conceito de comunidade?	PC	
	EC	
	NE	
• Entende que ruas, quadras, praças e parques são espaços de sociabilidade?	PC	
	EC	
	NE	
• Reconhece os motivos que aproximam e separam pessoas?	PC	
	EC	
	NE	
• Compreende as práticas e papéis sociais dos indivíduos em diferentes comunidades?	PC	
	EC	
	NE	
• Entende o que são regras de convivência e a importância dessas regras no dia a dia?	PC	
	EC	
	NE	
• Demonstra noções de mudança, pertencimento e memória?	PC	
	EC	
	NE	

Nome do estudante: \_\_\_\_\_

Escola: \_\_\_\_\_

Turma: \_\_\_\_\_ Nº do estudante: \_\_\_\_\_

Professor(a): \_\_\_\_\_

PC = Plenamente construído

EC = Em construção

NE = Precisa de mais estímulos

Objetivos pedagógicos	Avaliação	Observações
• Apresenta conhecimento introdutório do conceito de tempo?	PC	
	EC	
	NE	
• Conhece diferentes tipos de instrumentos de medição do tempo?	PC	
	EC	
	NE	
• Demonstra noções de anterioridade, simultaneidade e posterioridade?	PC	
	EC	
	NE	
• Relaciona as ideias de antes, durante e depois às de passado, presente e futuro?	PC	
	EC	
	NE	
• Demonstra que o calendário é um modo de dividir e contar o tempo?	PC	
	EC	
	NE	
• Elabora o conceito de simultaneidade?	PC	
	EC	
	NE	
• Evidencia a importância das datas comemorativas?	PC	
	EC	
	NE	
• Desenvolve a ideia de que o calendário é uma construção cultural?	PC	
	EC	
	NE	

Professor(a): \_\_\_\_\_

Escola: \_\_\_\_\_

Turma: \_\_\_\_\_

Observações gerais sobre o desempenho do grupo:

---



---



---



---

PC = Plenamente construído

EC = Em construção

NE = Precisa de mais estímulos

Objetivos pedagógicos	Avaliação	Estratégias para remediação
• Apresenta conhecimento introdutório do conceito de tempo?	PC	
	EC	
	NE	
• Conhece diferentes tipos de instrumentos de medição do tempo?	PC	
	EC	
	NE	
• Demonstra noções de anterioridade, simultaneidade e posterioridade?	PC	
	EC	
	NE	
• Relaciona as ideias de antes, durante e depois às de passado, presente e futuro?	PC	
	EC	
	NE	
• Demonstra que o calendário é um modo de dividir e contar o tempo?	PC	
	EC	
	NE	
• Elabora o conceito de simultaneidade?	PC	
	EC	
	NE	
• Evidencia a importância das datas comemorativas?	PC	
	EC	
	NE	
• Desenvolve a ideia de que o calendário é uma construção cultural?	PC	
	EC	
	NE	

Nome do estudante: \_\_\_\_\_

Escola: \_\_\_\_\_

Turma: \_\_\_\_\_ Nº do estudante: \_\_\_\_\_

Professor(a): \_\_\_\_\_

PC = Plenamente construído

EC = Em construção

NE = Precisa de mais estímulos

Objetivos pedagógicos	Avaliação	Observações
<ul style="list-style-type: none"> <li>Compreende o conceito de fonte histórica e suas principais modalidades?</li> </ul>	PC	
	EC	
	NE	
<ul style="list-style-type: none"> <li>Reconhece que o uso de diferentes fontes históricas contribui para o estudo da História?</li> </ul>	PC	
	EC	
	NE	
<ul style="list-style-type: none"> <li>Entende a importância do manuseio de diferentes fontes para o estudo da história da família?</li> </ul>	PC	
	EC	
	NE	
<ul style="list-style-type: none"> <li>Percebe que o historiador consulta, criva e cruza diferentes fontes históricas para construir uma versão da história que escolheu pesquisar?</li> </ul>	PC	
	EC	
	NE	
<ul style="list-style-type: none"> <li>Conhece histórias de famílias por meio de diferentes fontes?</li> </ul>	PC	
	EC	
	NE	
<ul style="list-style-type: none"> <li>Elabora respostas para a questão: Por que alguns objetos são preservados e outros são descartados?</li> </ul>	PC	
	EC	
	NE	

Professor(a): \_\_\_\_\_

Escola: \_\_\_\_\_

Turma: \_\_\_\_\_

Observações gerais sobre o desempenho do grupo:

---



---



---



---

PC = Plenamente construído

EC = Em construção

NE = Precisa de mais estímulos

Objetivos pedagógicos	Avaliação	Estratégias para remediação
<ul style="list-style-type: none"> <li>Compreende o conceito de fonte histórica e suas principais modalidades?</li> </ul>	PC	
	EC	
	NE	
<ul style="list-style-type: none"> <li>Reconhece que o uso de diferentes fontes históricas contribui para o estudo da História?</li> </ul>	PC	
	EC	
	NE	
<ul style="list-style-type: none"> <li>Entende a importância do manuseio de diferentes fontes para o estudo da história da família?</li> </ul>	PC	
	EC	
	NE	
<ul style="list-style-type: none"> <li>Percebe que o historiador consulta, criva e cruza diferentes fontes históricas para construir uma versão da história que escolheu pesquisar?</li> </ul>	PC	
	EC	
	NE	
<ul style="list-style-type: none"> <li>Conhece histórias de famílias por meio de diferentes fontes?</li> </ul>	PC	
	EC	
	NE	
<ul style="list-style-type: none"> <li>Elabora respostas para a questão: Por que alguns objetos são preservados e outros são descartados?</li> </ul>	PC	
	EC	
	NE	

Nome do estudante: \_\_\_\_\_

Escola: \_\_\_\_\_

Turma: \_\_\_\_\_ Nº do estudante: \_\_\_\_\_

Professor(a): \_\_\_\_\_

PC = Plenamente construído

EC = Em construção

NE = Precisa de mais estímulos

Objetivos pedagógicos	Avaliação	Observações
• Reconhece as diferentes formas de trabalho desempenhadas pelas pessoas da comunidade?	PC	
	EC	
	NE	
• Vincula o trabalho à sobrevivência humana?	PC	
	EC	
	NE	
• Constata que cada pessoa tem direito à escolha de sua profissão?	PC	
	EC	
	NE	
• Valoriza a atuação de todos os profissionais?	PC	
	EC	
	NE	
• Entende como o trabalho realizado por diversos setores afeta nosso cotidiano?	PC	
	EC	
	NE	
• Elabora reflexões sobre a importância de cada um e de todos os profissionais da escola para o bom funcionamento da instituição?	PC	
	EC	
	NE	
• Constata que as pessoas com deficiência também possuem seu espaço no mercado de trabalho?	PC	
	EC	
	NE	
• Entende que todo tipo de trabalho deve ser feito com responsabilidade, respeitando-se o meio ambiente?	PC	
	EC	
	NE	
• Demonstra práticas de consumo consciente?	PC	
	EC	
	NE	
• Entende como a sociedade pode colaborar com o uso adequado do meio ambiente?	PC	
	EC	
	NE	

**Professor(a):** \_\_\_\_\_

**Escola:** \_\_\_\_\_

**Turma:** \_\_\_\_\_

**Observações gerais sobre o desempenho do grupo:**

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

PC = Plenamente construído

EC = Em construção

NE = Precisa de mais estímulos

Objetivos pedagógicos	Avaliação	Estratégias para remediação
• Reconhece as diferentes formas de trabalho desempenhados pelas pessoas da comunidade?	PC	
	EC	
	NE	
• Vincula o trabalho à sobrevivência humana?	PC	
	EC	
	NE	
• Constata que cada pessoa tem direito à escolha de sua profissão?	PC	
	EC	
	NE	
• Valoriza a atuação de todos os profissionais?	PC	
	EC	
	NE	
• Entende como o trabalho realizado por diversos setores afeta nosso cotidiano?	PC	
	EC	
	NE	
• Elabora reflexões sobre a importância de cada um e de todos os profissionais da escola para o bom funcionamento da instituição?	PC	
	EC	
	NE	
• Constata que as pessoas com deficiência também possuem seu espaço no mercado de trabalho?	PC	
	EC	
	NE	
• Entende que todo tipo de trabalho deve ser feito com responsabilidade, respeitando-se o meio ambiente?	PC	
	EC	
	NE	
• Demonstra práticas de consumo consciente?	PC	
	EC	
	NE	
• Entende como a sociedade pode colaborar com o uso adequado do meio ambiente?	PC	
	EC	
	NE	

# 11. MATRIZ ARTICULADORA DESTE VOLUME

## ▶ 11.1. CONCEITOS, BNCC E COMPONENTES ESSENCIAIS PARA ALFABETIZAÇÃO

Unidades	Conceitos	Objetos de conhecimento
1	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Comunidade</li> <li>• Grupos de convívio</li> <li>• Mudança</li> <li>• Pertencimento</li> <li>• Memória</li> <li>• Regras de convivência</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A noção do “Eu” e do “Outro”: comunidade, convivências e interações entre pessoas</li> </ul>
2	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tempo</li> <li>• Calendário</li> <li>• Cultura</li> <li>• Simultaneidade</li> <li>• Anterioridade, posteridade e simultaneidade</li> <li>• Passado, presente e futuro</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O tempo como medida.</li> </ul>
3	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fontes históricas</li> <li>• Fontes escritas</li> <li>• Fontes visuais</li> <li>• Fontes orais</li> <li>• Fontes materiais</li> <li>• Memória</li> <li>• História</li> <li>• Documentos pessoais</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A noção do “Eu” e do “Outro”: registros de experiências pessoais e da comunidade no tempo e no espaço.</li> <li>• Formas de registrar e narrar histórias (marcos de memória materiais e imateriais).</li> <li>• As fontes: relatos orais, objetos, imagens (pinturas, fotografias, vídeos), músicas, escrita, tecnologias digitais de informação e comunicação e inscrições nas paredes, ruas e espaços sociais.</li> </ul>
4	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Trabalho</li> <li>• Mudanças e permanências</li> <li>• Passado/presente</li> <li>• Antigo/recente</li> <li>• Profissão</li> <li>• Divisão sexual do trabalho</li> <li>• Hora extra</li> <li>• Direitos</li> <li>• Deveres</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A sobrevivência e a relação com a natureza.</li> </ul>

	Habilidades	Competências	Componentes essenciais para a alfabetização
	EF02HI01 EF02HI02 EF02HI03	1, 2 (específicas) 1, 2 (gerais)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fluência em leitura oral</li> <li>• Desenvolvimento de vocabulário</li> <li>• Compreensão de textos</li> <li>• Produção de escrita</li> </ul>
	EF02HI01 EF02HI02 EF02HI03 EF02HI05 EF02HI06 EF02HI07	1 (específica) 1 (geral)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fluência em leitura oral</li> <li>• Compreensão de textos</li> <li>• Produção de escrita</li> </ul>
	EF02HI04 EF02HI05 EF02HI08 EF02HI09	3 (específica) 1, 9 (gerais)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Consciência fonológica e fonêmica</li> <li>• Conhecimento alfabético</li> <li>• Fluência em leitura oral</li> <li>• Compreensão de textos</li> <li>• Produção de escrita</li> </ul>
	EF01HI01 EF01HI02 EF01HI03 EF02HI10 EF02HI11	4 (específica) 1, 9 (gerais)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Consciência fonológica e fonêmica</li> <li>• Conhecimento alfabético</li> <li>• Fluência em leitura oral</li> <li>• Compreensão de textos</li> <li>• Produção de escrita</li> </ul>

► 11.2. SUBSÍDIOS PARA PLANEJAMENTO BIMESTRAL

**UNIDADE 1 • MEU LUGAR, MINHA COMUNIDADE**

OBJETIVOS	CONTEÚDOS	PÁGINAS	SEMANAS
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Retomar e aprofundar o conceito de comunidade.</li> <li>• Evidenciar que ruas, quadras, praças e parques são espaços de sociabilidade.</li> <li>• Reconhecer os motivos que aproximam e separam pessoas.</li> <li>• Compreender as práticas e papéis sociais dos indivíduos em diferentes comunidades.</li> <li>• Esclarecer o que são regras de convivência e a importância dessas regras no dia a dia.</li> <li>• Trabalhar com os alunos as noções de mudança, pertencimento e memória.</li> </ul>	Avaliação diagnóstica: O que sabemos?	6 a 7	1
	Meu lugar, minha comunidade	8 e 9	1
	Eu e o outro, nós e os outros	10	2
	Empatia	11	2
	Comunidade unida	12 a 15	2 e 3
	Grupos sociais	16 a 19	3 e 4
	Convivência no grupo familiar	20 e 21	4
	Convivência no grupo escolar	22 a 25	5
	Convivência na comunidade	26 e 27	6
	Rua	28 e 29	6
	A rua é pública	30 e 31	7
	Espaços de sociabilidade	32 e 33	7
	Bairro	34	8
	Todo bairro também tem história	34 a 37	8
Bairro Santo Antônio – Recife	38 a 43	9 e 10	
Avaliação formativa: Retomando	44 e 45	10	

## UNIDADE 2 • O TEMPO

OBJETIVOS	CONTEÚDOS	PÁGINAS	SEMANAS
<ul style="list-style-type: none"><li>• Introduzir o conceito de tempo.</li><li>• Apresentar diferentes tipos de instrumentos de medição do tempo.</li><li>• Trabalhar as noções de anterioridade, simultaneidade e posterioridade.</li><li>• Relacionar a ideia de antes, durante e depois às de passado, presente e futuro.</li><li>• Evidenciar que o calendário é um modo de dividir e contar o tempo.</li><li>• Construir o conceito de simultaneidade.</li><li>• Destacar a importância das datas comemorativas.</li><li>• Construir com o alunado a ideia de que o calendário é uma construção cultural.</li></ul>	O tempo	46 e 47	11
	Contando o tempo	48 a 50	11
	Hora, minutos e segundos	51 a 53	12
	Antes, durante e depois	54 e 55	13
	Manhã, tarde e noite	56 e 57	13
	Ontem, hoje e amanhã	58 a 63	14 e 15
	Relógio e calendário	64	15
	O relógio	64 e 65	15
	Calendário	66 a 68	16
	Os meses do ano	69 a 72	17
	A semana	73 a 79	18 e 19
Avaliação formativa: Retomando	80 e 81	20	

## UNIDADE 3 • REGISTROS HISTÓRICOS

OBJETIVOS	CONTEÚDOS	PÁGINAS	SEMANAS
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Trabalhar o conceito de fonte histórica e suas principais modalidades.</li> <li>• Esclarecer que o uso de diferentes fontes históricas contribui para o estudo da História.</li> <li>• Demonstrar a importância do manuseio de diferentes fontes para o estudo da história da família.</li> <li>• Facilitar aos alunos a percepção de que o historiador consulta, criva e cruza diferentes fontes históricas para construir uma versão da história que escolheu pesquisar.</li> <li>• Conhecer histórias de famílias por meio de diferentes fontes.</li> <li>• Buscar respostas para a questão: Por que alguns objetos são preservados e outros são descartados?</li> </ul>	Registros históricos	82 e 83	21
	Os objetos contam uma história	84	21 e 22
	Fontes históricas	85	22
	Fontes escritas	85	22
	Fontes visuais	86 e 87	23
	Fontes orais	88	23
	Fontes materiais	89	23
	Objetos que ajudam a contar a minha história	91 a 102	24 a 26
	Documentos pessoais	103	27
	Caderneta de vacinação	104	27
	Caderneta de identidade	105 e 106	27
	Título de eleitor, carteira de motorista e passaporte	107 a 115	28 e 29
Avaliação formativa: Retomando	116 e 117	30	

## UNIDADE 4 • TRABALHO E MEIO AMBIENTE

OBJETIVOS	CONTEÚDOS	PÁGINAS	SEMANAS
<ul style="list-style-type: none"><li>• Apresentar as diferentes formas de trabalho desempenhados pelas pessoas da comunidade.</li><li>• Vincular o trabalho à sobrevivência humana.</li><li>• Destacar que cada pessoa tem direito à escolha de sua profissão.</li><li>• Promover a valorização de todos os profissionais.</li><li>• Demonstrar como o trabalho realizado por diversos setores afeta nosso cotidiano.</li><li>• Refletir sobre a importância de cada um e de todos os profissionais da escola para o bom funcionamento da instituição.</li><li>• Mostrar que as pessoas com deficiência também possuem seu espaço no mercado de trabalho.</li><li>• Evidenciar o fato de que todo tipo de trabalho deve ser feito com responsabilidade, respeitando-se o meio ambiente.</li><li>• Incentivar o consumo consciente.</li><li>• Explicar como a sociedade pode colaborar com o uso adequado do meio ambiente.</li></ul>	Trabalho e meio ambiente	118 e 119	31
	Trabalho e comunidade	120	32
	O que é trabalho?	120 e 121	32
	Trabalho em uma comunidade do campo	122 a 126	33 e 34
	Profissionais do mundo do trabalho	127	35
	O trabalho do eletricista	127 a 129	35
	Trabalho e ambiente	130 a 134	36 e 37
	Transporte e ambiente	135 a 139	38 e 39
	Avaliação somativa: O que aprendemos	140 a 143	40

# BIBLIOGRAFIA COMENTADA

A AVALIAÇÃO deve orientar a aprendizagem. **Nova Escola**, 2009. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/356/a-avaliacao-deve-orientar-a-aprendizagem>. Acesso em: 4 ago. 2021.

Esse artigo de rápida leitura possibilita a reflexão sobre a prática da avaliação escolar. Por meio de depoimentos de especialistas no tema, como Cipriano Luckesi, Léa Depresbiteris e Mere Abramowicz o artigo oferece críticas a modelos arcaicos de avaliação e indicações de práticas avaliativas que preconizam o protagonismo dos estudantes e privilegiam o processo pedagógico em detrimento da mera classificação.

**BITTENCOURT, Circe. Ensino de História: fundamentos e métodos.** São Paulo: Cortez, 2012.

A historiadora, pesquisadora do ensino de História e docente da disciplina no Ensino Básico e Superior, elabora reflexões sobre métodos e conteúdos da História escolar. O livro se divide em três seções, dedicadas a pensar a história da constituição dessa disciplina escolar, métodos e materiais didáticos.

**BITTENCOURT, Circe (org.). O saber histórico na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2008.

Dividido em duas partes, o livro organizado por Circe Bittencourt reúne artigos de pesquisadores e pesquisadoras do ensino de História. Nesses textos são desenvolvidas reflexões sobre o currículo escolar dessa disciplina e a respeito do emprego de diferentes linguagens como recursos didáticos.

**BLOCH, Marc. Apologia da História ou O ofício de historiador.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

O renomado historiador da escola dos *Annales* sistematiza sobre o fazer histórico, abordando questões que tocam na epistemologia da História, nos limites disciplinares dessa ciência e em diálogos com outras disciplinas das ciências humanas. Marc Bloch delinea, desse modo, uma concepção ampla e profunda sobre a natureza da História enquanto ciência.

**BRASIL. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências (Lei nº 13.005).** Brasília, DF, 2014.

Lei que estabelece diretrizes e metas do Plano Nacional de Educação.

**BRASIL. Casa Civil. Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF, 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constitui caocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui caocompilado.htm). Acesso em: 30 jul. 2021.

Texto compilado da **Constituição da República Federativa do Brasil** aprovada pela Assembleia Nacional Constituinte em 22 de setembro de 1988 e promulgada em 5 de outubro de 1988.

**BRASIL. Ministério da Educação. Pacto nacional pela alfabetização na idade certa – Avaliação no ciclo de alfabetização: reflexões e sugestões.** Brasília, DF: SEB, 2012.

Documento com reflexões e sugestões em relação ao processo de alfabetização.

**BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular: educação é a base.** Brasília, DF: SEB, 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versoafinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versoafinal_site.pdf). Acesso em: 7 ago. 2021.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é o documento que orienta a composição curricular do Ensino Básico no Brasil. Estruturadas por meio de competências e habilidades, a BNCC apresenta as aprendizagens essenciais previstas para a educação escolar nacional básica, contemplando tanto o ensino de modo geral quanto as suas etapas específicas.

**BRASIL. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96).** Brasília, DF, 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm). Acesso em: 30 jul. 2021.

Texto da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

**BRASIL. Ministério da Educação. PNA: Política Nacional de Alfabetização.** Brasília, DF: Sealf, 2019. Disponível em: [http://alfabetizacao.mec.gov.br/images/pdf/caderno\\_final\\_pna.pdf](http://alfabetizacao.mec.gov.br/images/pdf/caderno_final_pna.pdf). Acesso em: 7 ago. 2021.

Documento que estabelece os princípios da Política Nacional de Alfabetização no Brasil.

**BRASIL. Ministério da Educação. Saberes e práticas da inclusão: avaliação para identificação das necessidades educacionais especiais.** Brasília, DF: MEC; Secretaria de Educação Especial, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/avaliacao.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2021.

Documento elaborado pelo Ministério da Educação visa oferecer orientações para que os profissionais da educação incorporem práticas de avaliação que considerem as especificidades de cada estudante e sejam parte integrante do processo pedagógico.

**CAMPOS, Helena Guimarães. História e formação para a cidadania: nos anos iniciais do Ensino Fundamental.** São Paulo: Livraria Saraiva, 2012.

Nesse livro a autora trabalha o conceito de cidadania como categoria central para a formação dos estudantes, apresentando o desenvolvimento histórico dos direitos e deveres que compõem a cidadania infantil.

**COLL, César. Psicologia e currículo.** São Paulo: Ática, 1999.

Nesse livro, César Coll formula uma proposta de currículo tendo como base a interação entre Pedagogia e Psicologia.

COSTA, Adriana Corrêa. **Consciência fonológica: relação entre desenvolvimento e escrita.** *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 38, n. 2, p. 137-153, jun. 2003. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/14095/9351>. Acesso em: 3 ago. 2021.

O artigo da pesquisadora da área de Linguística busca relacionar a consciência fonológica ao desenvolvimento da escrita. A pesquisa empírica que deu origem ao artigo estabelece uma correlação entre a maior consciência fonológica e o maior sucesso na aprendizagem da escrita entre crianças do Jardim.

D’ALESSIO, Márcia Mansor *et al.* (org.). **Reflexões sobre o saber histórico.** São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998. (Prismas).

Nesse livro, os entrevistados Pierre Villar, Michel Vovelle e Madeleine Rebérioux avaliam a contribuição da Escola dos Annales e a atualidade da historiografia marxista.

FERNANDES, Cláudia de Oliveira; FREITAS, Luiz Carlos. **Indagações sobre currículo: currículo e avaliação.** Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/indag5.pdf>. Acesso em: 4 ago. 2021.

O documento lançado pelo Ministério da Educação reúne cinco textos nos quais pesquisadores da área da Educação refletem sobre as relações entre currículo escolar e diversidade, cultura, direitos e avaliação. Cada um com enfoque temático próprio, como a organização curricular pode estar a par das mudanças nas formas de vida ocorridas no século XXI.

FONSECA, Selva Guimarães. **Fazer e ensinar História: anos iniciais do Ensino Fundamental.** Belo Horizonte: Dimensão, 2015.

Nesse livro, a autora se vale de sua experiência como docente no Ensino Básico para pensar na metodologia do ensino de História e sugerir propostas pedagógicas inovadoras para o trabalho com turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

FREITAS, Itamar. **A experiência indígena no ensino de História.** In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (org.). **História: ensino fundamental.** Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. (Coleção Explorando o ensino).

O autor analisa nessa obra por que é importante conhecer e discutir história e cultura indígena na formação escolar e por que o respeito à diferença deve ser incorporado como um valor.

FUNARI, Pedro Paulo. **Antiguidade clássica.** Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

O professor Pedro Funari escreveu um livro com linguagem acessível e uma coleção de documentos de grande importância para o estudo da História Antiga. Além do cuidado com as fontes e com os textos, o livro traz uma série de atividades para a fixação das aprendizagens.

HIPOLIDE, Márcia. **O ensino de História nos anos iniciais do Ensino Fundamental.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2011.

Esse livro disponibiliza ferramentas para o ensino de História nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Além de reunir metodologias próprias para a discussão de conceitos da História, o livro apresenta propostas de atividade para aplicação em sala de aula.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade.** Porto Alegre: Mediação, 2005.

Nesse livro, Jussara Hoffmann busca elaborar uma perspectiva sobre avaliação que se afaste dos modelos classificatórios comumente empregados. A autora constrói uma proposta de avaliação menos interessada em criar rótulos de desempenho e mais integrada aos processos cognitivos dos estudantes.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação, mito e desafio: uma perspectiva construtivista.** Porto Alegre: Mediação, 2003.

Nesse livro, a autora trabalha com exemplos retirados de contextos de sala de aula para desafiar a concepção classificatória da avaliação e defender a pertinência e eficácia da avaliação mediadora. Jussara Hoffmann procura suscitar reflexões que levem o leitor a repensar as práticas avaliativas de modo a buscar integrá-las ao processo de construção do conhecimento.

HUNT, Lynn. **A invenção dos direitos humanos: uma história.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Nesse livro, Lynn Hunt constrói uma história dos direitos humanos, por meio da análise da Declaração de Independência dos Estados Unidos, da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão e da Declaração Universal dos Direitos Humanos. A historiadora estadunidense reflete sobre avanços e antinomias presentes nos processos históricos analisados.

IPHAN. **Patrimônio Cultural Imaterial: para saber mais.** Brasília, DF: Iphan, 2012. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/cartilha\\_1\\_\\_parasermais\\_web.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/cartilha_1__parasermais_web.pdf). Acesso em: 3 ago. 2021.

Publicada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, esse documento possui o objetivo de apresentar instrumentos e diretrizes dedicadas à identificação e preservação do patrimônio cultural imaterial. Desse modo, a publicação joga luz sobre a natureza desse tipo de patrimônio e ressalta a importância de preservá-lo.

KARNAL, Leandro (org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas.** São Paulo: Contexto, 2007.

Organizado por Leandro Karnal, o livro se propõe a apresentar reflexões orientadas para subsidiar as práticas de ensino em sala de aula. Reunindo produções textuais de quatorze especialistas no ensino de História, o livro apresenta propostas de abordagem de diferentes temas no interior dessa disciplina.

LE GOFF, Jacques. **A História Nova.** São Paulo: Martins Fontes, 1990.

Nessa obra, que reproduz parte fundamental de *La nouvelle histoire*, publicada em 1978, sob a direção de Jacques Le Goff, o autor apresenta a História Nova como uma maneira diferente de olhar a história, oferecendo variadas ferramentas para o trabalho do historiador.

LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de família: leitura da fotografia histórica.** São Paulo: Edusp, 1993.

Com base na análise de álbuns de família de imigrantes vindos para São Paulo durante a Grande Imigração, entre 1890 e 1930, a autora desenvolve uma pesquisa crítica da fotografia histórica, transformando os registros fotográficos em testemunhos.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições.** São Paulo: Cortez, 2011.

Esse livro reúne nove artigos escritos por Cipriano Luckesi nos quais o educador elabora críticas a formas de avaliação baseadas em modelos autoritários, classificatórios e seletivos. Luckesi, em contrapartida, argumenta em favor de uma forma de ensino que incorpore a avaliação ao processo pedagógico, de modo que este seja inclusivo e acolhedor.

MADRIL, Liliana Fraga dos Santos. **Consciência fonológica, sistema de escrita alfabética e letramento: sequências didáticas na alfabetização.** In: X ANPED SUL. **Anais [...]**, Florianópolis, out. 2014. Disponível em: [http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq\\_pdf/1296-0.pdf](http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/1296-0.pdf). Acesso em: 3 ago. 2021.

O artigo analisa dados de uma pesquisa aplicada com estudantes do 2º ano do Ensino Fundamental. Nessa pesquisa, buscou-se verificar o efeito de sequências didáticas com atividades e brincadeiras sobre a autonomia dos estudantes no processo de aprendizagem da linguagem escrita.

NEMI, Ana; MARTINS, João Carlos; ESCANHUELA, Diego Luiz. **Ensino de História e experiências.** São Paulo: FTD, 2010.

Voltado para uma perspectiva prática, esse livro apresenta uma série de propostas de atividades calçadas em uma visão atualizada da História. A variedade de propostas apresentadas permitem sua aplicação em diferentes realidades escolares.

NEVES, Iara Conceição Bitencourt *et al.* (org.). **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas.** 9. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

A obra busca explicar a importância da produção de conhecimento na educação contemporânea no intuito de proporcionar uma efetiva transformação social.

ORÍÁ, Ricardo. **Memória e ensino de História.** In: BITENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 1998. (Repensando o Ensino).

O texto de Ricardo Oriá se coloca como objetivo a discutir a utilização de bens culturais do patrimônio histórico no ensino de História, de modo que despertem a atenção dos estudantes para a importância da preservação da memória coletiva.

PENTEADO, Heloísa Dupas. **Metodologia do ensino de História e Geografia.** São Paulo: Cortez, 1994.

Neste livro, a autora apresenta um panorama do ensino das ciências humanas no Ensino Básico, reflete sobre metodologia, relações professor-estudante e oferece sugestões de práticas para a sala de aula.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **História da cidadania.** São Paulo: Contexto, 2010.

Reunindo contribuições de intelectuais renomados, como Paul Singer, Letícia Bicalho e Leandro Konder, o livro apresenta uma análise da cidadania estabelecida na sociedade ocidental desde os seus fundamentos históricos, até a forma como o processo se deu no Brasil.

RIBEIRO, Marcus Venício. **Não basta ensinar História. Revista Nossa História, ano 1, n. 6, p. 76-78, abr. 2004.**

Nesse artigo, o autor defende a ideia de que, para uma boa formação escolar, além de aprender História, os alunos precisam entender o que leem e saber pensar e escrever.

SEFFNER, Fernando. **Leitura e escrita na História.** In: NEVES, Iara Conceição Bitencourt (org.). **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas.** 9. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

O autor analisa nesse texto a importância das práticas de leitura e escrita no processo de ensino-aprendizagem de História.

SILVA, Giuslane Francisca da; HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Tradução de Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2013. **Aedos, Porto Alegre, v. 8, n. 18, ago. 2016, p. 249-250.** Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/59252>. Acesso em: 3 ago. 2021.

Resenha da obra de Maurice Halbwachs, **A memória coletiva**, esse texto procura contextualizar histórica e teoricamente a contribuição de Halbwachs para a ciência histórica, não obstante o fato de o autor ter sido um sociólogo.

SOBANSKI, Adriane de Quadros. **Ensinar e aprender História: histórias em quadrinhos e canções.** Curitiba: Base Editorial, 2010.

Produto do acúmulo teórico e prático resultante de reflexões e do ensino de História na Educação Básica, o livro discute a utilização de textos, canções e histórias em quadrinhos em sala de aula.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

Isabel Solé parte de uma perspectiva teórica construtivista para apresentar estratégias para o ensino de leitura que promovam a autonomia dos estudantes no processo de compreensão e interpretação dos textos.

THOMAS, Gary; PRING, Richard. **Educação baseada em evidências: a utilização dos achados científicos para a qualificação da prática pedagógica.** Porto Alegre: Artmed, 2007.

No livro, os organizadores reuniram argumentos de diversos autores. Neles são apresentados diferentes pontos de vistas e experiências bem-sucedidas em sala de aula.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

Nesse livro, Vygotsky apresenta um pensamento original e inovador sobre o processo de desenvolvimento psicológico em seres humanos. Em um amplo diálogo teórico com áreas como Antropologia, História e Linguística e apoiado sobre extenso material empírico, o psicólogo soviético cria conceitos e perspectivas fundamentais para a compreensão dos processos de construção do pensamento.

# A CONQUISTA

## HISTÓRIA

Ensino Fundamental - Anos Iniciais  
Componente: História



### **Alfredo Boulos Júnior**

Doutor em Educação (área de concentração: História da Educação) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Mestre em Ciências (área de concentração: História Social) pela Universidade de São Paulo.

Lecionou nas redes pública e particular e em cursinhos pré-vestibulares.

É autor de coleções paradidáticas.

Assessorou a Diretoria Técnica da Fundação para o Desenvolvimento da Educação – São Paulo.

1ª edição, São Paulo, 2021

**FTD**

**Direção-geral** Ricardo Tavares de Oliveira**Direção editorial adjunta** Luiz Tonolli**Gerência editorial** Natalia Tacetti**Edição** João Carlos Ribeiro Junior (coord.)Luis Gustavo Reis, Raphael Fernandes, Carolina Bussolaro Marciano,  
André Amano, Vivian Ayres, Maiza Garcia Barrientos Agunzi, Bárbara Berges,  
Rosane Cristina Thahira, Renata Paiva Cesar, Siomara Sodré Spinola**Preparação e revisão de textos** Viviam Moreira (sup.)

Fernando Cardoso, Paulo José Andrade

**Gerência de produção e arte** Ricardo Borges**Design** Daniela Máximo (coord.)

Bruno Attili, Carolina Ferreira, Juliana Carvalho (capa)

**Imagem de capa** Beatriz Mayumi**Arte e Produção** Vinicius Fernandes (sup.)

Sidnei Moura, Jacqueline Nataly Ortolan (assist.), Marcelo dos Santos Saccomann (assist.)

**Diagramação** Nany Produções Gráficas**Coordenação de imagens e textos** Elaine Bueno Koga**Licenciamento de textos** Érica Brambila, Bárbara Clara (assist.)**Iconografia** Jonathan Santos, Ana Isabela Pithan Maraschin (trat. imagens)**Ilustrações** Alexandre Matos, Camila Godoy, Claudia Marianno, Cláudio Chiyo,  
Enágio Coelho, Evandro Marendá, Leandro Ramos, Leninha Lacerda, Leonardo Conceição,  
Léo Fanelli/Giz de Cera, Lucas Farauj, Roberto Weigand, Sílvia Otofujji, Yume Ilustrações**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Boulos Júnior, Alfredo

A conquista : história : 2º ano : ensino  
fundamental : anos iniciais / Alfredo Boulos  
Júnior. -- 1. ed. -- São Paulo : FTD, 2021.

Componente: História.

ISBN 978-65-5742-497-1 (aluno – impresso)

ISBN 978-65-5742-498-8 (professor – impresso)

ISBN 978-65-5742-507-7 (aluno – digital em html)

ISBN 978-65-5742-508-4 (professor – digital em html)

1. História (Ensino fundamental) I. Título.

21-72387

CDD-372.89

**Índices para catálogo sistemático:**

1. História : Ensino fundamental 372.89

Cibebe Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

Reprodução proibida: Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610  
de 19 de fevereiro de 1998. Todos os direitos reservados àEDITORA FTD.  
Rua Rui Barbosa, 156 – Bela Vista – São Paulo – SP  
CEP 01326-010 – Tel. 0800 772 2300  
Caixa Postal 65149 – CEP da Caixa Postal 01390-970  
www.ftd.com.br  
central.relacionamento@ftd.com.brEm respeito ao meio ambiente, as folhas  
deste livro foram produzidas com fibras  
obtidas de árvores de florestas plantadas,  
com origem certificada.Impresso no Parque Gráfico da Editora FTD  
CNPJ 61.186.490/0016-33  
Avenida Antonio Bardella, 300  
Guarulhos-SP – CEP 07220-020  
Tel. (11) 3545-8600 e Fax (11) 2412-5375

## APRESENTAÇÃO

Querida professora, professor querido, queridos alunos,

Ler e escrever é, a nosso ver, compromisso de todas as áreas, e não somente da Língua Portuguesa. É, portanto, também um compromisso da área de História. E esse compromisso nós assumimos estimulando a leitura e a escrita ao longo desta coleção!

Nossa coleção nasceu de muitas conversas que tivemos com educadores que entregaram sua vida ao sonho de ver uma criança descobrindo a escrita. Nasceu, também, do que aprendi com meus alunos, crianças e jovens de diferentes lugares e origens.

Aos meus alunos busquei mostrar a importância do exercício constante da leitura e da escrita, da educação do olhar e da construção de conceitos. E procurei também alertar para a importância de compreender sem julgar, pois à História não cabe julgar, mas sim compreender!

Por fim, quero agradecer aos editores que guiaram meus passos e aos professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental, em cujos olhos eu vi um olhar amoroso voltado à criança.

O autor.

Veja o que significam os ícones que aparecem no seu livro:

 Atividade oral

 Atividade para casa

 Atividade em dupla

 Atividade no caderno

 Atividade em grupo

## SEÇÕES DA OBRA

## ▶ O QUE SABEMOS?

As atividades destas páginas visam contribuir para a avaliação diagnóstica.

## ▶ ABERTURA DE UNIDADE

O volume é organizado em quatro unidades. Nas aberturas de cada uma, são apresentados os temas estruturais abordados. Nelas há questões que também permitem observar os conhecimentos prévios dos estudantes.

## ▶ ESCUTAR E FALAR

Seção que busca incentivar a expressão oral e a competência argumentativa dos estudantes, bem como trabalhar a escuta como elemento básico do diálogo.

## ▶ VOCÊ LEITOR!

Nesta seção, destacamos a competência leitora com diferentes gêneros textuais.

## ▶ VOCÊ ESCRITOR!

A leitura e a escrita são complementos de todas as áreas. Nesta seção, há um convite para que os estudantes desenvolvam sua competência escritora.

## ▶ VOCÊ CIDADÃO!

Atividades que incentivam os estudantes a conhecerem e melhorarem seu entorno, a comunidade, a cidade e o país.



## SUMÁRIO

## O QUE SABEMOS? ..... 6

## UNIDADE 1 • MEU LUGAR, MINHA COMUNIDADE ..... 8

## 1 EU E O OUTRO, NÓS E OS OUTROS ..... 10

Empatia .....	11
Comunidade unida .....	12
Grupos sociais .....	16
Convivência no grupo familiar .....	20
Convivência no grupo escolar .....	22
Convivência na comunidade .....	26

## 2 RUA ..... 28

A rua é pública .....	30
Espaços de sociabilidade .....	32
Bairro .....	34
Todo bairro também tem história .....	34
Bairro Santo Antônio – Recife .....	38

## DIALOGANDO COM LÍNGUA PORTUGUESA ..... 42

## RETOMANDO ..... 44

## UNIDADE 2 • O TEMPO ..... 46

## 1 CONTANDO O TEMPO ..... 48

Hora, minutos e segundos .....	51
--------------------------------	----

## 2 ANTES, DURANTE E DEPOIS ..... 54

Manhã, tarde e noite .....	56
Ontem, hoje e amanhã .....	58

## 3 RELÓGIO E CALENDÁRIO ..... 64

O relógio .....	64
Caleário .....	66
Os meses do ano .....	69
Quantos dias têm os meses? .....	71
A semana .....	73

## DIALOGANDO COM LÍNGUA PORTUGUESA ..... 78

## RETOMANDO ..... 80

## UNIDADE 3 • REGISTROS HISTÓRICOS 82

<b>1 OS OBJETOS CONTAM UMA HISTÓRIA</b> .....	<b>84</b>
Fontes históricas.....	85
Fontes escritas.....	85
Fontes visuais.....	86
Fontes orais.....	88
Fontes materiais.....	89
Objetos que ajudam a contar a minha história.....	91
<b>2 DOCUMENTOS PESSOAIS</b> .....	<b>103</b>
Caderneta de vacinação.....	104
Carteira de identidade.....	105
Título de eleitor, carteira de motorista e passaporte.....	107
<b>DIALOGANDO COM CIÊNCIAS</b> .....	<b>111</b>
<b>DIALOGANDO COM LÍNGUA PORTUGUESA</b> .....	<b>114</b>
<b>RETOMANDO</b> .....	<b>116</b>

## UNIDADE 4 • TRABALHO E MEIO AMBIENTE 118

<b>1 TRABALHO E COMUNIDADE</b> .....	<b>120</b>
O que é trabalho?.....	120
Trabalho em uma comunidade do campo.....	122
Profissionais do mundo do trabalho.....	127
O trabalho do electricista.....	127
Entrevista.....	129
<b>2 TRABALHO E AMBIENTE</b> .....	<b>130</b>
Transporte e ambiente.....	135
<b>DIALOGANDO COM LÍNGUA PORTUGUESA</b> .....	<b>138</b>
<b>O QUE APRENDEMOS</b> .....	<b>140</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS COMENTADAS</b> .....	<b>144</b>



### ► GLOSSÁRIO

Verbetes para facilitar a leitura de textos com palavras que podem gerar dúvidas.

### ► DIALOGANDO

Esta seção incentiva o estudante a refletir e argumentar sobre um tópico relevante e pertinente ao tema estudado.

### ► DIALOGANDO COM LÍNGUA PORTUGUESA

Atividades que trabalham a interdisciplinaridade com Língua Portuguesa. Em alguns volumes da coleção, há também atividades com as disciplinas de Ciências e Matemática.

### ► RETOMANDO

A seção oferece atividades para revisão dos temas da unidade. Elas dão subsídios para a avaliação formativa e para o monitoramento da aprendizagem.

### ► O QUE APRENDEMOS

Ao final do ano letivo, essas atividades encerram o livro e oferecem subsídios para a avaliação somativa.

## O QUE SABEMOS?

## ▶ RESPOSTAS

1. Os alunos devem assinalar as seguintes frases: “Suas roupas não servem mais.”, “Ouve histórias de quando era mais novo.” e “Realiza uma atividade sem ajuda de um adulto.”.

**Professor**, na **atividade 1**, a ideia é trabalhar com os estudantes o modo como eles percebem a passagem do tempo. Esta atividade pode contribuir para verificar se a seguinte habilidade foi desenvolvida: (EF01HI01) Identificar aspectos do seu crescimento por meio do registro das lembranças particulares ou de lembranças dos membros de sua família e/ou de sua comunidade.

2. a) Paraíso.

## O QUE SABEMOS?

1 Marque um X. Você percebe que o tempo passou e você está crescendo quando:

Suas roupas não servem mais.

Ouve histórias de quando era mais novo.

Pensa sobre o que vai fazer amanhã.

Realiza uma atividade sem ajuda de um adulto.

2 O trecho a seguir é parte da história do menino Aldo. Leia-o com atenção.

Eu nasci nesse paraíso chamado Peixe Gordo, uma praia da cidade de Icapuí, aqui no Ceará. A nossa casa fica num sítio, bem em cima de uma duna. Quando eu desço a duna – escorregando, é claro – vejo lá embaixo a casa de Dona Sinhá, minha avó.

Ela teve muitos filhos. E os netos? É de perder a conta. [...]

Era tanta gente que meu pai montou uma escola aqui no sítio mesmo. Tinha um professor encarregado de fazer essa mistura toda. Ele dava aula para todo mundo, tudo junto. [...] E só podia brincar na areia depois que a gente fizesse a lição.

José Santos. **Crianças do Brasil**: suas histórias, seus brinquedos, seus sonhos. São Paulo: Peirópolis, 2008. p. 28.

a) Copie a palavra que Aldo usa para descrever o lugar onde

nasceu:

- b)** Por que será que Aldo usou essa palavra?  
**c)** A história do menino Aldo está ligada à história:

- Apenas da família dele.  
 Somente da escola onde estuda.  
 Somente da comunidade onde mora.  
 Da família, da escola e da comunidade.

- 3** A sua família é parecida com a de Aldo? Escreva uma semelhança e uma diferença entre a família dele e a sua.
- 

- 4** Observe as imagens com atenção.



- Responda oralmente.**

- a)** Quais semelhanças podemos observar entre as duas imagens?  
**b)** Quais diferenças podemos observar entre as duas imagens?  
**c)** Agora, circule de:  
 a imagem que representa uma forma antiga de jogar futebol.  
 a imagem que representa uma forma recente de jogar futebol.

- 5** Escreva uma data comemorativa que você costuma comemorar:  
**a)** em família.      **b)** na escola.      **c)** com a comunidade.

## ▶ RESPOSTAS

**2. b)** Espera-se que o aluno infira que Aldo comparou o lugar onde nasceu a um paraíso por ser um lugar de que gosta muito, tranquilo, sem problemas etc.

**c)** Da família, da escola e da comunidade.

**Professor,** a **atividade 2c** quer facilitar aos estudantes a percepção da estreita relação entre uma história individual, familiar e escolar. E, com isso, pretende verificar se a seguinte habilidade foi desenvolvida: (EF01HI02) Identificar a relação entre as suas histórias e as histórias de sua família e de sua comunidade.

**3.** Resposta pessoal.

**4. a)** Em ambas há brincadeira.

**b)** Na imagem à esquerda, o jogo de futebol é pelo videogame. Na imagem à direita, o futebol é exercido em área verde.

**c)** Os alunos devem circular de azul a imagem das pessoas jogando videogame e de vermelho a imagem de crianças jogando futebol.

A **atividade 4** quer contribuir para verificar se a seguinte habilidade foi desenvolvida: (EF01HI05) Identificar semelhanças e diferenças entre jogos e brincadeiras atuais e de outras épocas e lugares.

**5. a)** Respostas possíveis: aniversários, Natal, Ano-Novo etc.

**b)** Respostas possíveis: Dia do Professor, Dia do Livro Infantil, chegada da primavera etc.

**c)** Respostas possíveis: quermesse, festa da cidade etc.

A **atividade 5** quer ajudar a verificar se a seguinte habilidade foi desenvolvida: (EF01HI08) Reconhecer o significado das comemorações e festas escolares, diferenciando-as das datas festivas comemoradas no âmbito familiar ou da comunidade.

## INTRODUÇÃO À UNIDADE

## UNIDADE

# 1

# MEU LUGAR, MINHA COMUNIDADE

Observe a vida em uma comunidade:



8

Nesta unidade, trabalhamos inicialmente os espaços de sociabilidade, onde ocorrem convivências e interações entre pessoas. Depois, criamos condições para os estudantes se apropriarem das noções de grupos de convívio, memória, pertencimento e regras de convivência.

Por meio das atividades desta unidade, buscamos estimular as crianças a identificarem os espaços de sociabilidade, os papéis que as pessoas exercem em diferentes comunidades e facilitar a elas a compreensão das noções de mudança, pertencimento e memória. Quisemos também estimulá-las a efetuarem comparações entre objetos e documentos pessoais de grupos próximos ao seu convívio, apreendendo a função, o uso e o significado de cada um deles.

Os pré-requisitos para a realização plena das atividades e o atingimento dos objetivos pedagógicos são:

• O desenvolvimento das habilidades do 1º ano.

• O engajamento da criança no processo de alfabetização iniciado na Educação Infantil.

• De nossa parte, propomos atividades específicas voltadas a contribuir para o processo de alfabetização, com destaque para a seção **Dialogando com Língua Portuguesa**.

## OBJETIVOS

- **Retomar** e **aprofundar** o conceito de comunidade.
- **Evidenciar** que ruas, quadras, praças e parques são espaços de sociabilidade.
- **Reconhecer** os motivos que aproximam e separam pessoas.
- **Compreender** as práticas e os papéis sociais dos indivíduos em diferentes comunidades.
- **Esclarecer** o que são regras de convivência e a importância dessas regras no dia a dia.
- **Trabalhar** com os alunos as noções de mudança, pertencimento e memória.

1. Que ideia vem à sua cabeça quando ouve a palavra **comunidade**? *Resposta pessoal.*

2. Vamos procurar o significado da palavra **comunidade** no dicionário? *De acordo com o Dicionário Houaiss, uma das definições é "população que vive num dado lugar ou região, geralmente ligada por interesses comuns."*

3. A sua comunidade é: *Resposta pessoal.*

Rural.

Urbana.

Indígena.

Quilombola.

Outra. Qual?

4. Como é a sua comunidade? *Resposta pessoal.*

## ► ENCAMINHAMENTO

Professor, a **atividade 1** visa diagnosticar os conhecimentos prévios dos alunos sobre o termo comunidade, eixo central desta unidade.

As **atividades 3 e 4** visam desenvolver o sentimento de pertencimento. Ao descrever a sua comunidade, os alunos se veem como parte dela.

Na **atividade 4**, atentar-se ao relato de cada aluno, avaliando suas percepções acerca de sua comunidade: ambiente, forma de organização, espaços de sociabilidade, grupos de convívio, entre outros. Esses relatos podem servir como base para o trabalho com as próximas páginas.

## +ATIVIDADES

Converse com um adulto da sua família ou comunidade.

- Há quanto tempo você vive na nossa comunidade?
- Como era a comunidade?
- O que mudou?
- O que permanece igual?

Compartilhem o conhecimento adquirido nas redes oficiais da escola.

MERCADO SÚPER

TOME ILUSTRAÇÕES

PROMOÇÃO

POSTO DE SAÚDE

CENTRAL DE FARMÁCIA

## ▶ HABILIDADE

(EF02HI02) Identificar e descrever práticas e papéis sociais que as pessoas exercem em diferentes comunidades.

## ROTEIRO DE AULA

Pode-se iniciar o trabalho com esse capítulo perguntando aos alunos:

- Vocês já viram na televisão uma notícia sobre alguém em dificuldade e imaginaram como seria se estivessem naquela situação?
- Quando vocês veem alguém precisando de ajuda, pensam em formas de colaborar?
- Se alguém está feliz por uma conquista, você fica feliz por ela?
- Sabem o que é empatia?

Promover um levantamento de conhecimentos prévios sobre a orixação das frases, questionando: Como começam (explorando o da letra maiúscula no início das frases).

Como terminam (explorando o de sinais de pontuação ao final das frases).

Se achar necessário, retomar algumas frases do texto apresentando, destacando esses dois aspectos. Pode-se pedir aos estudantes que reatquem esses aspectos utilizando lápis coloridos ou marca-textos. Exemplo: Todos nós vivemos em uma comunidade, um agrupamento maior que o da família e o da escola.

**Professor**, perguntar aos alunos se eles conhecem o desenho que está na frente dos cestos de lixo. Se nenhum deles souber do que se trata, comentar que a imagem representa o símbolo da reciclagem.

# 1 EU E O OUTRO, NÓS E OS OUTROS

Todos nós vivemos em uma comunidade, um agrupamento maior que o da família e o da escola.



10

## +ATIVIDADES

**Professor**, leia com os estudantes a fábula **A cigarra e a formiga** (FUKS, Rebeca. As 13 melhores fábulas com moral. **Cultura Genial**. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/melhores-fabulas-com-moral/>. Acesso em: 9 jul. 2021.).

Pode-se dividir a turma em trios para que representem a fábula: o narrador, a formiga e a cigarra. O trabalho com literatura infantil visa desenvolver a imaginação e a capacidade de expressão.

Criar um debate com a turma sobre as atitudes da cigarra e da formiga: a cigarra se colocou no lugar da formiga? A formiga se colocou no lugar da cigarra? Vocês concordam com a atitude da formiga? O que vocês fariam, se fossem ela? Essa atividade pode contribuir para a compreensão do tema trabalhado, fixando a importância de compreender as motivações e as dores do outro.

# EMPATIA

Quando a gente conversa com uma pessoa da nossa comunidade, logo percebemos que temos afinidades no jeito de se expressar, se vestir, brincar e interesses em comum. E, em diferentes situações, nos sentimos pertencentes a esse agrupamento chamado comunidade.

Para um convívio saudável na comunidade, a palavra-chave é **empatia**, ou seja, colocar-se no lugar do outro.

1. Coloque em ordem os trechos a seguir e responda: o que é empatia?

Empatia é	no lugar
da outra pessoa	colocar-se

Empatia é colocar-se no lugar da outra pessoa.

---

---

---

2. Cite dois exemplos de situações em que podemos praticar a empatia.

Respostas possíveis: podemos praticar a empatia quando ajudamos um vizinho

cadeirante a se locomover; confortamos um amigo que está triste; damos lugar a

um idoso no transporte público.

---

---

---

11

## ► ENCAMINHAMENTO

- Realizar uma roda de conversa com os alunos sobre empatia. Após a conversa, cada aluno deverá criar uma frase com uma atitude que ajude a comunidade. As frases poderão ser penduradas em um varal e postadas nas redes oficiais da escola.
- Certificar-se de que todos os estudantes tenham a oportunidade de expor seus conhecimentos, dúvidas, vivências e sugestões, enriquecendo a discussão e tornando visível as diversas formas como cada um pode se responsabilizar pelo bem coletivo.

A exploração oral possibilita o desenvolvimento da seguinte habilidade de Língua Portuguesa: (EF15LP09) Expressar-se em situações de intercâmbio oral com clareza, preocupando-se em ser compreendido pelo interlocutor e usando a palavra com tom de voz audível, boa articulação e ritmo adequado.

**Professor**, na **atividade 1**, explicar aos alunos que, ao se colocar no lugar de outra pessoa, torna-se possível dialogar com ela, compreendê-la e ajudá-la, se necessário.

O registro em forma de frases amplia as aprendizagens sobre a organização das mesmas, sobre o uso da letra maiúscula no início e o uso de sinal de pontuação ao final de uma sentença. Além disso, possibilita o desenvolvimento da seguinte habilidade de Língua Portuguesa: (EF02LP07) Escrever palavras, frases, textos curtos nas formas imprensa e cursiva.

## SUGESTÃO ► PARA O ALUNO

**VÍDEO.** MINUTO Verde, Série Passear e Cuidar [Cuidando da cidade]. 2017. Vídeo (2min24s). Publicado pelo canal Escola de Governo do Estado de São Paulo – Egesp. Disponível em: <https://youtu.be/m5eVHf-W9T8>. Acesso em: 9 jul. 2021.

Vídeo que ensina, de forma lúdica, que somos responsáveis pelos cuidados com a nossa comunidade.

## TEXTO DE APOIO

Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**, 2018. p. 65.



3. Com a reforma, a praça mudou. Escreva as mudanças que

foram feitas. A praça ganhou bancos, mesas, uma pista de skate, iluminação, playground e uma academia ao ar livre.

4. Quem fez a reforma? A própria comunidade.

5. Circule os elementos que foram feitos na reforma da praça pela comunidade. Os alunos devem circular as mesas, os bancos, a fonte, o playground, a pista de skate, a academia ao ar livre, o pequeno lago e a construção.



6. Entrevista. *Produção pessoal.*

a) Grave uma entrevista com um adulto da comunidade.

Sugestões de perguntas para a entrevista:

- Você já participou de uma ação em benefício de sua comunidade? Se sim, fale a respeito.
- Em sua opinião, o que é preciso melhorar em sua comunidade?
- O que pode ser feito para essa mudança acontecer?

b) Escreva uma frase sobre o que você aprendeu com a entrevista.

### ► ENCAMINHAMENTO

**Professor**, a **atividade 5** visa facilitar ao aluno a percepção da noção de mudança, reforçando sua importância para a História.

Na **atividade 6**, o desenvolvimento de uma pesquisa com um adulto da comunidade do estudante possibilita o desenvolvimento da seguinte habilidade de Língua Portuguesa: (EF02LP22) Planejar e produzir, em colaboração com os

colegas e com a ajuda do professor, pequenos relatos de experimentos, entrevistas, verbetes de enciclopédia infantil, dentre outros gêneros do campo investigativo, digitais ou impressos, considerando a situação comunicativa e o tema/ assunto/finalidade do texto.

O registro de observação oportuniza a organização de frases, com a estrutura explorada desde o início dos estudos: letra maiúscula inicial e uso de sinal de pontuação ao final.

### +ATIVIDADES

Leia o texto a seguir.

Mãe, agricultora, presidente de associação comunitária. Aos 25 anos, a jovem Isabel de Melo Carvalho demonstra muita maturidade e liderança para apoiar a comunidade Santa Luzia do Boia, na Reserva Extrativista Auatí-Paraná (Resex).

#### Como é a vida na comunidade Santa Luzia do Boia?

A vida na comunidade é tranquila, e os moradores sobrevivem da agricultura. A gente trabalha com o plantio de mandioca, que é uma cultura milenar do povo amazônico. Com o cultivo de mandioca, banana, milho e criação de pequenos animais em casa para sobrevivência. Aos domingos, participamos das celebrações e dos festejos religiosos [...]. Também participamos das reuniões da associação comunitária.

UM LÍDER não se forma, ele já nasce líder. Muitas vezes, só falta uma oportunidade. **Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá**, 19 set. 2019. Disponível em: <https://www.mamiraua.org.br/noticias/cvt-entrevista-sonhos-amazonicos>. Acesso em: 7 jul. 2021.

1. Qual é o assunto do texto?
2. Qual é o nome da líder comunitária?
3. Qual o nome da comunidade em que ela mora?
4. Na opinião de Isabel, como é a vida na comunidade?
5. Como a comunidade de Santa Luzia do Boia sobrevive?
6. O que um líder comunitário deve fazer para ajudar a sua comunidade?

#### Respostas:

1. É uma entrevista com uma líder comunitária.
2. Isabel de Melo Carvalho.
3. Santa Luzia do Boia.
4. Tranquila.
5. Da agricultura.
6. Resposta pessoal.

**Professor**, o objetivo da atividade é permitir ao alunado desenvolver seu senso crítico, de forma a reconhecer o seu papel e o do outro dentro da comunidade. O líder comunitário atua para a melhoria da comunidade. Para isso, ele precisa se posicionar, engajar e unir todos em prol dos objetivos. O líder, por si só, não é capaz de resolver todos os problemas. Ele precisa do apoio de toda a comunidade.

## ▶ HABILIDADES

(EF02HI02) Identificar e descrever práticas e papéis sociais que as pessoas exercem em diferentes comunidades.

(EF02HI03) Selecionar situações cotidianas que remetam à percepção de mudança, pertencimento e memória.

## ▶ ENCAMINHAMENTO

Pode-se iniciar o trabalho perguntando aos alunos:

- Vocês já ouviram a palavra migrar alguma vez? Em que situação? Sabem seu significado?
- Por que as pessoas da comunidade rural Chã de Jardim tiveram que migrar?

• Vocês desistem facilmente das coisas?

• Sabem o que é ser perseverante? Em seguida, sugere-se:

• Pedir aos alunos que leiam em voz alta o texto da página.

• Explicar que durante a história muitos povos tiveram que migrar, seja, sair do lugar em que vivem, por motivos de guerras, fome, desastres naturais, busca por trabalho e uma terra própria.

• Evidenciar que os moradores da comunidade Chã de Jardim migraram do lugar em que viviam devido à expansão da malha rodoviária.

• Ressaltar que, mesmo diante das dificuldades encontradas com essa mudança, a comunidade Chã de Jardim progrediu graças à iniciativa de jovens empreendedores.

• Elucidar que ser perseverante é não desistir facilmente de seus objetivos, é lutar por eles, assim como fizeram os moradores da comunidade Chã de Jardim.



## Comunidade rural da Paraíba trabalha unida para ninguém precisar trabalhar fora

A comunidade Chã de Jardim fica na cidade de Areia, [na Paraíba]. Os moradores antes viviam dentro de uma mata [...]. Com a construção de uma rodovia, eles **migraram** para as margens da estrada [...].

**Migraram:** mudaram.

**Turismo ecológico:** turismo em áreas naturais para recreação e estudo.

Algumas casas populares foram construídas [...], mas [...] a maioria dos moradores precisava buscar trabalho fora. Tudo começou a mudar por iniciativa de um grupo de jovens [...].

Eles [...] criaram a Associação [...] da Comunidade de Chã de Jardim [...].

Eles criaram uma fábrica de polpa de frutas, construíram um restaurante e passaram a explorar o **turismo ecológico** na mata. [...]

Atualmente, a comunidade tem cerca de 200 famílias e todas elas são beneficiadas [...] pelos trabalhos da Associação, que emprega 52 pessoas da comunidade.

A fábrica de polpa de frutas emprega 12 pessoas, e o Restaurante Rural Vó Maria, outras 19. Outros moradores da comunidade trabalham fazendo artesanato na folha de bananeira, nas trilhas ecológicas, [...] e por aí vai.

Rafael Melo. **Comunidade rural trabalha unida para ninguém precisar trabalhar fora**. Razões para acreditar, 2020. Disponível em: <https://razoesparaacreditar.com/comunidade-trabalho-moradores/>. Acesso em: 12 jul. 2021.

14

## +ATIVIDADES

Pesquise e responda às questões.

1. O que é turismo ecológico?
2. Quais são os tipos de atividades realizadas no turismo ecológico?
3. Você acha que o turismo ecológico pode ser um risco ao meio ambiente? Por quê?

Site para pesquisa: <https://etica-ambiental.com.br/o-que-e-turismo-ecologico/>.

1. Segundo o Ministério do Meio Ambiente, turismo ecológico é “o segmento da

atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista por meio da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações”.

2. Entre as atividades do turismo ecológico, podemos citar: acampamento, caminhada, cavalgada, escalada, entre outros.

3. Resposta pessoal. O objetivo do turismo ecológico é justamente conscientizar os cidadãos do seu papel em relação à preservação da natureza.

1. Em que local a comunidade fica?

Fica na cidade de Areia, na Paraíba.

2. O principal problema enfrentado pela comunidade era:

Viver na mata.  Falta de moradia.

Ter de buscar trabalho fora.

3. Quem propôs a solução para esse problema?

Um grupo de jovens.

4. Circule os negócios criados pelos jovens.



5. A associação criada pelos jovens conseguiu seu principal

objetivo? Sim; os negócios criados pela associação empregaram pessoas

da comunidade. E não foi necessário buscar trabalho fora.

6. Converse com seu colega, avalie e opine sobre a atitude dos jovens. Resposta pessoal.

15

## +ATIVIDADES

### Santa Rosa

Santa Rosa fica a 10 Km [...] de Uberaba e é cortada pelo Rio Uberaba [...].

Nessa região são cerca de 230 propriedades rurais de pequenos produtores e um vilarejo com capela, centro comunitário, centro de atividades da mulher rural, a escola municipal e um posto de captação de leite. [...]

UBERABA. Secretaria do Agronegócio. **Comunidades Rurais**. Disponível em: <http://www.uberaba.mg.gov.br/portal/conteudo,107>. Acesso em: 9 jul. 2021.

1. Santa Rosa fica localizada na:

a) zona rural.

b) zona urbana.

2. Santa Rosa é cortada por qual rio?

3. Copie do texto o trecho que descreve a comunidade Santa Rosa.

4. Agora que você já conhece a comunidade Santa Rosa, faça um desenho dela de acordo com sua descrição. O professor vai expor os desenhos da turma na sala de aula. Importante: não esqueça de colocar seu nome no desenho!

## ► ENCAMINHAMENTO

**Professor**, a **atividade 1** busca trabalhar a habilidade de localizar e retirar uma informação explícita do texto. A **atividade 2** quer estimular o alunado a fazer inferência direta.

Na **atividade 6**, facilitar a percepção de que foi a iniciativa empreendedora dos jovens que resolveu o principal problema da comunidade. Refletir com os alunos sobre a importância de buscar soluções para um problema, de ter iniciativa, de assumir uma atitude empreendedora.

A leitura do texto e o registro de respostas às questões propostas possibilita o desenvolvimento da seguinte habilidade de Língua Portuguesa: (EF15LP03) Localizar informações explícitas em textos.

Promover uma discussão sobre o local de publicação do texto e a intencionalidade comunicativa e comparar com textos do campo da vida pública lidos anteriormente.

## Respostas:

1. Alternativa a.

2. Uberaba.

3. Texto que deve ser copiado: “um vilarejo com capela, centro comunitário, centro de atividades da mulher rural, a escola municipal e um posto de captação de leite”.

4. Resposta pessoal.

## ▶ HABILIDADE

(EF02HI01) Reconhecer espaços de sociabilidade e identificar os motivos que aproximam e separam as pessoas em diferentes grupos sociais ou de parentesco.

**Professor**, as páginas 16, 17, 18 e 19 contribuem para o desenvolvimento dessa habilidade.

## ▶ ENCAMINHAMENTO

Pode-se iniciar o trabalho desta página, perguntando aos alunos:

- Em sua comunidade, a que grupos sociais vocês pertencem? Quantos e quais são eles?

- O da casa?
- O da escola?
- Outro grupo ainda?

Em seguida, sugere-se:

- Informar que ao longo da vida formamos vários grupos sociais: o grupo da família, o grupo dos amigos, o grupo da escola e assim por diante.

Destacar as diferenças entre esses grupos e, ao mesmo tempo, a importância para a vida em comunidade.

Incentivar os alunos a falarem sobre os grupos de que fazem parte.

Refletir com os alunos sobre os modos de interagir com os grupos formados ao longo da vida.

Reforçar a importância de um bom convívio com todas as pessoas: irmãos, amigos, colegas, parentes, entre outros.

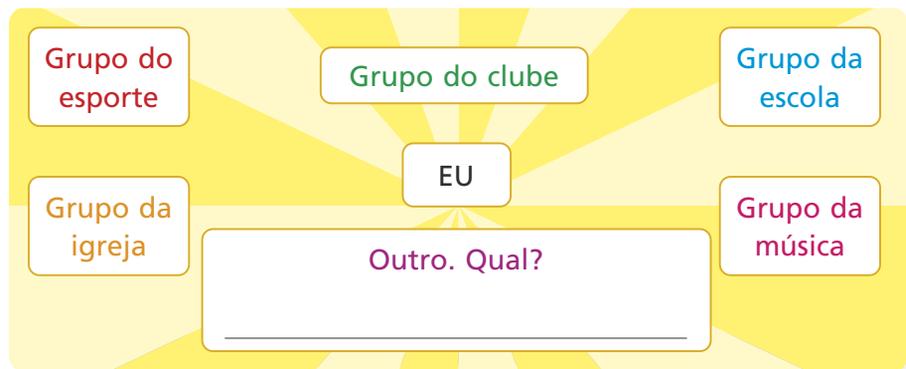
## GRUPOS SOCIAIS

Uma comunidade é formada por vários grupos sociais.

Grupo social é um conjunto de pessoas que interagem umas com as outras e possuem interesses e objetivos comuns. Por isso, sentem que pertencem a um grupo.

Cada pessoa pode pertencer a vários grupos ao mesmo tempo: o grupo da família, o grupo da dança, o grupo da escola, o grupo do esporte, entre outros.

- De quais grupos sociais você participa? **Resposta pessoal.**



▲ Grupo da família.



▲ Grupo da escola.

16

## SUGESTÃO ▶ PARA A FAMÍLIA

**LIVRO.** NEUFELD, Carmem Beatriz; FERREIRA, Isabela Maria Freitas; MALTONI, Juliana. **A arte de conviver com Gustavo, o cão.** Porto Alegre: Sinopsys, 2016.

Todos nós nos relacionamos com muitas pessoas, de diferentes lugares, como nossos familiares, vizinhos, amigos e professores. Relacionar-se não é tarefa fácil, mas por intermédio de Gustavo, o cão, aprenderemos como ter um bom convívio com aqueles que estão próximos da gente.



SINOPSY'S EDITORA

Carmem Beatriz Neufeld - Isabela Maria Freitas Ferreira - Juliana Maltoni

Uma característica dos grupos sociais é a organização (dias e horários para se encontrar, combinados sobre o que ou como fazer).

Um grupo de capoeira, de música ou de folclore, por exemplo, precisa se reunir em dia e horário combinados para ensaiar, vestir roupas adequadas, treinar passos de dança e instrumentos musicais.

Crianças apresentando a Dança dos Bastões (Congada de São Benedito de Socorro) – Festa do Divino Espírito, no município de São Luiz do Paraitinga, estado de São Paulo, 2014.



Um dos motivos de aproximação entre as pessoas é o gosto por manifestações populares. Outro motivo de aproximação é o sentimento de pertencer à mesma comunidade.

Alunos do Grupo Batuque Reciclado durante a Festa de Cultura Afro, em homenagem ao Dia da Consciência Negra. Comunidade escolar do Quilombo de Sobara, no município de Araruama, estado do Rio de Janeiro, 2015.



17

## +ATIVIDADES

De que grupos sociais você participa? Traga uma fotografia que mostre sua participação em um grupo social, por exemplo, o do futebol, o da música, o da dança, o da capoeira, entre outros.

Em sala de aula, em uma folha em branco, vamos colar sua fotografia. Depois, você irá produzir uma legenda para ela. O professor vai expor as fotografias em sala de aula.

**Professor**, essa atividade visa consolidar o conhecimento adquirido no estu-

do sobre grupos sociais. Espera-se que a produção da legenda, ajude o aluno a desenvolver a noção de pertencimento. Valorizar a exposição das fotografias em sala de aula; por meio delas, a compreensão sobre o tema será ampliada, tendo em vista que os alunos poderão visualizar diferentes grupos sociais dos quais os seus colegas participam. Sugere-se que cada aluno fale um pouco sobre a sua fotografia: onde ela foi tirada, quando e que grupo social está presente.

## ► ENCAMINHAMENTO

Pedir aos alunos que observem as imagens. Depois, perguntar:

- Que grupo social você consegue observar na primeira imagem?
- E na segunda?
- Vocês se atentaram às informações contidas nas legendas?
- Para que serve uma legenda?

Em seguida, sugere-se:

- Comentar que na primeira imagem vemos um grupo de congada, expressão cultural e religiosa de matriz africana celebrada no Brasil; já na outra imagem, vemos crianças de uma comunidade quilombola em um grupo de batuque.
- Explicar que legenda é um texto breve e objetivo, que tem a função de acrescentar informações a uma imagem ou dialogar com ela. A legenda é um texto para a imagem ou sobre ela.

A exploração das imagens e das legendas sobre grupos sociais e suas atividades possibilita o desenvolvimento da seguinte habilidade de Língua Portuguesa: (EF12LP08) Ler e compreender, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor, fotolegendas em notícias, manchetes e lides em notícias, álbum de fotos digital noticioso e notícias curtas para público infantil, dentre outros gêneros do campo jornalístico, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto.

Pode-se explorar, primeiramente, as imagens solicitando que os estudantes levantem hipóteses sobre estas. Na sequência, realizar a leitura das legendas, de forma a validar ou refutar as hipóteses.

## SUGESTÕES ► PARA O ALUNO

**VÍDEO.** PROJETO Percussão de lata do Berimbau Arte. 2016. Vídeo (3min34s). Publicado pelo canal Centro Cultural Berimbau Arte. Disponível em: <https://youtu.be/zf-R3HeEaCg>. Acesso em: 9 jul. 2021.

Crianças e jovens tocam percussão de lata.

**TEXTO.** MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. Congada. **Portal Geledés**, 2 jul. 2009. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/congado/>. Acesso em: 9 jul. 2021.

Site com informações sobre a congada.

## ▶ ENCAMINHAMENTO

• Comentar que as festas e festejos religiosos tradicionais da cultura brasileira são organizados por grupos sociais que se unem para celebrar sua cultura e sua fé. Esses eventos fortalecem e sustentam as relações sociais, permitindo trocas e permanência da identidade cultural desses grupos e de sua comunidade.

• Evidenciar que esses eventos são organizados, geralmente, por meio de um mutirão: um grupo decora o ambiente, outro produz comidas típicas, outro monta baracas etc.

• Ressaltar que nas comunidades rurais, os grupos sociais se unem em torno, também, das comemorações do calendário agrícola, como a Festa da Uva na Comunidade de São Gotardo de Vila Seca, Rio Grande do Sul; ou a Festa do Milho, no centro Rural Tanquinho, no interior de São Paulo.

• Destacar que, para as comunidades indígenas, as danças celebram aspectos importantes da cultura em grupo, como agradecer à natureza, lembrar os antepassados e fortalecer os laços entre os membros da comunidade. Além disso, essas danças preservam parte de sua memória e tradições.

## REPETITIVIDADES

1931

A primeira Festa da Uva em Caxias do Sul acontecia numa cidade em pleno desenvolvimento. A proposta inicial era promover a exposição de uvas e a troca de experiências entre os produtores da região.

Com o passar dos anos, o evento começou a enaltecer a cultura italiana, o progresso da comunidade e a ligação com a terra, costumes e tradições. A partir do sucesso obtido, a festa passou a contar com presenças ilustres e transformou-se em um dos maiores eventos temáticos do Brasil.

Fatos marcantes. **Festa da uva.** Disponível em: <http://www.festadauva.com.br/fatosmarcantes>. Acesso em: 9 jul. 2021.

A comunidade de Caxias do Sul comemora a Festa da Uva desde 1931. E a sua comunidade? Celebra alguma data importante?

18

Procissão a cavalo que conduz o Rei e a Rainha do Congo. Festa de Nossa Senhora do Rosário, da Comunidade rural de Monsenhor João Alexandre, também conhecida como Cachoeira, no município de Cláudio, estado de Minas Gerais, 2009.



MARCO ANTONIO SAPIULSAR IMAGENS



ADRIANO FERREIRA SAPIULSAR IMAGENS

▶ Apresentação do Grupo Reisado, da Comunidade Quilombola Inhanhum, no município de Santa Maria da Boa Vista, estado de Pernambuco, 2019.

▶ Crianças indígenas da comunidade terena em apresentação de dança, no município de Campo Grande, estado de Mato Grosso do Sul, 2015.



CASSANDRA CLAYTON SAPIULSAR IMAGENS

Entreviste seus pais ou responsáveis sobre o tema. Grave um áudio-minuto dessa entrevista.

Sugestão de perguntas para a entrevista:

- A nossa comunidade comemora alguma data importante?
- Como? Com festa, procissão, desfile?
- Como os grupos sociais se organizam para realizar esses eventos?
- Todos colaboram?

- O trabalho é voluntário?
- Como vocês acham que as pessoas se sentem organizando esses eventos? Por quê?

**Professor,** apresentar os áudios em sala de aula e criar um debate sobre os materiais produzidos.

Ao longo da vida, os interesses e objetivos das pessoas vão mudando. E, com isso, elas vão formando novos grupos sociais e familiares. Por vezes, conservam grupos que tinham na infância, outras vezes, não.

Equipe de basquete feminino, 2014.



Os adolescentes, por exemplo, formam grupos como: o grupo para ir a festas; o da banda de música; o do esporte; o grupo para estudar e fazer trabalhos escolares, entre outros.

Grupo de dança formado por idosos, 2017.

Depois, assumem mais responsabilidades, começam a trabalhar e formam grupos com pessoas que têm a mesma profissão ou idade.



Orquestra Sinfônica Heliópolis no Theatro Municipal de São Paulo, 2019.

## ► ENCAMINHAMENTO

Iniciar uma aula dialogada perguntando:

- Quais são os grupos dos adultos responsáveis por você?
- Eles se reúnem com colegas da mesma profissão? Que tem o mesmo gosto por um esporte ou lazer (cantar, tocar, dançar, jogar, entre outros)?
- Quando você seguir uma profissão, vai querer se reunir com os colegas?
- Você acha importante um profissional formar um grupo com colegas da mesma profissão? Por quê?

Em seguida, sugere-se:

- Destacar que, se, por um lado, as pessoas se separam e formam grupos com interesses comuns, por outro, elas se aproximam por motivos diversos como os mostrados nas imagens.
- Usar o seu grupo profissional, o dos professores, como exemplo para evidenciar a importância das trocas entre profissionais que exercem o mesmo ofício.
- Facilitar a compreensão de que as pessoas formam grupos com base em interesses comuns.

## +ATIVIDADES

Entrevista. Perguntar a um idoso ou idosa:

O senhor ou a senhora tem um grupo com pessoas da sua idade?

Se a resposta for sim, pode me dizer que atividades vocês fazem em grupo? Por exemplo, viajar, ler e debater um assunto, dançar, ir ao teatro ou ao cinema?

### SUGESTÃO ► PARA O ALUNO

**VÍDEO.** GRUPO de idosos de Volta Redonda esbanja disposição na capoeira. 2012. Vídeo (2min5s). Publicado pelo canal #BandRioInterior. Disponível em: <https://youtu.be/FCCwf2Al3-A>. Acesso em: 9 jul. 2021.

Um grupo de idosos de Volta Redonda praticando atividades, no ritmo da capoeira.

### SUGESTÃO ► PARA O PROFESSOR

**LIVRO.** BOSI, Eclea. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

As memórias de pessoas idosas – imigrantes e operários da cidade de São Paulo – sobre o trabalho, contadas por meio de depoimentos.

**BNCC**

**▶ OBJETO DE CONHECIMENTO**

A noção do “Eu” e do “Outro”: comunidade, convivências e interações entre pessoas.

**ROTEIRO DE AULA**

Pode-se iniciar o trabalho com a página fazendo as perguntas a seguir:

- Vocês acham que conviver e cooperar são palavras que estão ligadas uma à outra?
  - Para conviver bem você precisa cooperar?
  - Como é sua convivência com sua família?
  - Você sabe qual o seu papel no ambiente familiar?
  - Sabiam que nossas atitudes reagem no nosso dia a dia e no da nossa família?
- Em seguida, como encaminhamento, sugere-se:
- Comentar que a convivência no ambiente familiar deve ter como base o respeito.
  - Dialogar com os alunos sobre a responsabilidade de cada um dentro de casa.
  - Apresentar alguns exemplos de cooperação na residência: arrumar a cama, ajudar a pôr a mesa, entre outros.
  - Explicar que com pequenos atos somos capazes de fazer a diferença e manter a convivência harmoniosa no ambiente familiar.

**Professor**, na atividade desta página, comentar que o serviço de casa é exaustivo e pouco valorizado. Dividir as tarefas de manutenção e limpeza e cooperar para manter a casa limpa e organizada são importantes regras de convivência, ajudam a diminuir o estresse e a conservar a saúde dos adultos. Repartir tarefas é uma atitude de amor e respeito pelos adultos da família.

**TEXTO DE APOIO**

**A família: um importante agente socializador**

O ambiente familiar é [...] onde a criança cresce, atua, desenvolve e expõe seus sentimentos, experi-

# CONVIVÊNCIA NO GRUPO FAMILIAR

Geralmente, é com o grupo da família que começamos a aprender a conviver. Em família, aprendemos a importância da **cooperação**, do **respeito** e de se manter o ambiente limpo e organizado.

• Avalie as atitudes e opine sobre cada uma delas.



20

menta as primeiras recompensas e punições, a primeira imagem de si mesma e seus primeiros modelos de comportamentos – que vão se inscrevendo no interior dela e configurando seu mundo interior. Isto contribui para a formação de uma “base de personalidade”, além de funcionar como fator determinante no desenvolvimento da consciência, sujeita a influências subsequentes. [...] O fato de pertencer a um determinado núcleo familiar já propicia à criança noções de poder, autoridade, hierarquia, além de lhe permitir aprender habilidades diversas, tais como: falar, organizar seus pensamentos, distinguir o que

pode e o que não pode fazer, seguindo as normas da sua família, adaptar-se às diferentes circunstâncias, flexibilizar, negociar. Um bom exemplo é o relacionamento com adultos próximos, principalmente pais e irmãos, onde a criança aprende como negociar, cooperar e competir, a fazer amigos e aliados, a ter prestígios e fracassos, a ter oportunidade de experimentar relações com iguais e aprender umas com as outras.

SOUSA, Ana Paula; JOSÉ FILHO, Mário. A importância da parceria entre família e escola no desenvolvimento educacional. **Revista Iberoamericana de Educación**, n. 44/7, 10 jan. 2008.

## VOCÊ LEITOR!

1. Leia a tirinha com atenção. O professor vai escolher (ou sortear) quem vai explicar o que entendeu.



Maurício de Sousa. Tira da Turma da Mônica. Nº 6053, 1999.

2. A mãe aprovou a manifestação de Cebolinha?

Sim.

Não.

3. Interprete. O que a mãe de Cebolinha quis dizer com: "Mas primeiro o seu quarto, depois o mundo!" *Quis dizer que Cebolinha devia ser coerente, organizando e limpando primeiramente seu quarto, para depois combater a poluição no mundo.*
4. Você realiza alguma tarefa para manter o seu quarto limpo e organizado? *Resposta pessoal.*

21

### TEXTO DE APOIO

No Ensino Fundamental – Anos Iniciais, é importante valorizar e problematizar as vivências e experiências individuais e familiares trazidas pelos alunos, por meio do lúdico, de trocas, da escuta e de falas sensíveis, nos diversos ambientes educativos (bibliotecas, pátio, praças, parques, museus, arquivos, entre outros). Essa abordagem privilegia o trabalho de campo, as entrevistas, a observação, o desenvolvimento de análises e de argumentações, de modo a potencializar descobertas e estimular o pensamento criativo e crítico. [...]

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**, 2018. p. 355.

## VOCÊ LEITOR!

### ► ENCAMINHAMENTO

**Professor**, nas **atividades 1 e 2**, ler a tirinha do Cebolinha e, antes de responder às questões, fazer uma roda de conversa sobre o cuidado que cada criança deve ter com seus pertences e seu quarto. A intenção pedagógica desta atividade é exercitar a compreensão deste texto multimodal e, ao mesmo tempo, desenvolver a oralidade, bem como a capacidade de falar em público.

Debate coletivo. Perguntar aos alunos: Em uma família, quais tarefas uma criança pode fazer para contribuir com a boa convivência?

Em seguida, sugere-se:

- Lembrar que algumas atividades não são adequadas para crianças, por apresentarem riscos.
- Ressaltar que é importante defender o cuidado com o planeta, como fez o Cebolinha, mas tão importante quanto isso é cuidar da casa, da escola, ou seja, dos ambientes em que vivemos no dia a dia.
- Explorar os recursos multimodais presentes nas histórias em quadrinhos (ilustrações, balões de falas). Para que os estudantes percebam a importância desses recursos multimodais em textos do gênero história em quadrinhos, ler os balões de fala de uma tirinha a sua escolha, sem mostrar as ilustrações, e questionar se houve compreensão. Espera-se que os estudantes percebam que não, que as histórias em quadrinhos precisam desses recursos para cumprir a sua função comunicativa.

A atividade de leitura e compreensão das histórias em quadrinhos/tirinhas possibilita o desenvolvimento da seguinte habilidade de Língua Portuguesa: (EF15LP14) Construir o sentido de histórias em quadrinhos e tirinhas, relacionando imagens e palavras e interpretando recursos gráficos (tipos de balões, de letras, onomatopéias).

## ▶ OBJETO DE CONHECIMENTO

A noção do "Eu" e do "Outro": comunidade, convivências e interações entre pessoas.

## ROTEIRO DE AULA

Pode-se iniciar a aula perguntando aos alunos:

- Qual é a primeira coisa que você faz quando chega à escola?
- Cumprimenta os amigos?
- Se acomoda em sua carteira respeitando o espaço dos colegas?
- No intervalo, você respeita a fila da merenda? Considera essa atitude importante? Por quê?

Em seguida, como encaminhamento, sugere-se:

• Conversar com os alunos sobre a importância do respeito no ambiente escolar.

• Comentar que a escola é um espaço para estudar, fazer amigos, brincar e aprender a se relacionar com outras pessoas que possuem costumes, crenças e culturas diferentes.

• Explicar que todos desempenham um importante papel na escola, desde a diretora, coordenadora, professores e os funcionários da cantina, da limpeza, da secretaria. A comunidade escolar depende de cada um e de todos para que funcione corretamente.

# CONVIVÊNCIA NO GRUPO ESCOLAR

Na escola, convivemos com professores, colegas e funcionários, e aprendemos com todos eles.

Aprendemos, por exemplo, a importância de dizer "bom dia", "boa tarde", "por favor", "muito obrigado", "com licença", "até logo", "até amanhã", e a respeitar a todos! Leia a tirinha com atenção:



Alexandre Beck. Aprende mais na escola. **Jornal Zero Hora**, Porto Alegre, 2019.

Armandinho disse que, na escola, a gente aprende muitas coisas além das matérias citadas na tirinha.

1. Marque um X nas respostas que indicam o que aprendemos na escola.

- |                                     |                               |                                     |                          |
|-------------------------------------|-------------------------------|-------------------------------------|--------------------------|
| <input checked="" type="checkbox"/> | Colocar-se no lugar do outro. | <input type="checkbox"/>            | Estudar sempre sozinho.  |
| <input type="checkbox"/>            | Ajudar apenas os amigos.      | <input checked="" type="checkbox"/> | Respeitar a todos.       |
| <input checked="" type="checkbox"/> | Ajudar a todos.               | <input checked="" type="checkbox"/> | Compartilhar o que sabe. |

2. Escreva. Além dessas coisas, o que mais você aprende na escola?  
Resposta pessoal.

3. Complete as frases a seguir com palavras retiradas do quadro abaixo:

escutar   compartilhar   respeitar   empatia   perguntar

- a) Colocar-se no lugar do outro é ter **empatia**.
- b) Dividir o que a gente sabe é **compartilhar**.
- c) Ouvir uma pessoa com atenção é **escutar**.
- d) Pedir uma explicação é **perguntar**.
- e) Obedecer às regras da escola é **respeitar**.

4. O que a gente aprende na escola usamos:

- Só na escola.                       Em casa e na escola.
- Na escola, em casa e na comunidade.

5. Observe a imagem com atenção.

- Quais dessas pessoas devemos respeitar mais?



Todas.

---



---

### TEXTO DE APOIO

#### Mediação de conflitos na escola

Os conflitos fazem parte da natureza humana e, simples ou graves, devem ser vistos como oportunidades de mudanças e de crescimento. Os conflitos estão muito presentes nas escolas, que são espaços privilegiados para a disseminação de valores e construção da cidadania. [...]

O diálogo é uma ferramenta eficiente, econômica e construtiva [...] para proporcionar ações colaborativas entre as pessoas e, sobretudo, para resolver os conflitos de forma simples e fácil. Ele

é essencial para a transformação das pessoas e da sociedade! A construção de um bom diálogo é a principal ferramenta para se lidar com os conflitos. Diálogo é troca de entendimento e quem o inicia deverá procurar o retorno da outra pessoa para saber se a mensagem foi recebida e compreendida. Além das palavras, fazem parte do diálogo: as emoções, o sorriso, o olhar, os gestos, entre outras formas de expressão, que muitas vezes são mais relevantes que as próprias palavras.

CONSELHO NACIONAL DO MINISTÉRIO PÚBLICO. **Diálogo e mediação de conflitos nas escolas**. Guia prático para educadores. Brasília, DF: Conselho Nacional do Ministério Público, 2014. p. 9.

### ► ENCAMINHAMENTO

Professor, a **atividade 3** quer ajudar o alunado na construção de noções importantes para o bom convívio escolar. E, ao mesmo tempo, exercitar a escrita de palavras, que completam frases e colaboram na produção de sentido. A intenção da **atividade 5** é valorizar e incentivar o respeito por todos, independentemente do papel ou função que desempenhem no espaço escolar.

## ► ENCAMINHAMENTO

- Sugere-se realizar uma leitura compartilhada do poema, sendo cada verso lido por um aluno. Escolher quem começa.

- Comentar que cada verso é uma linha. Pode-se sugerir que, enquanto um aluno lê, os demais acompanham a leitura com o dedo, por exemplo.

- Mediar a leitura dos alunos, se atentando para as dificuldades de leitura apresentadas.

- Garantir que todos participem da leitura.

- Explorar o título, questionando se é possível antecipar o assunto/tema do texto com base nele. Permitir que os estudantes levantem hipóteses e que validem ou refutem as hipóteses uns dos outros. Analisar, com os estudantes, a estrutura do título: em que lugar do texto pode ser encontrado, qual é a função do título. Após a leitura, pedir que criem um novo título para o poema. O título criado pode ser registrado em um cartaz, na lousa, no caderno, no próprio livro ou ser apresentado apenas oralmente.

- Aproveitar o tema do poema para propor uma roda de conversação debatendo sobre a questão do respeito ao próximo e, mais especificamente, às pessoas com deficiência.

- Instigar os alunos a falarem livremente para que exponham seu ponto de vista.

- Promover uma discussão coletiva sobre as informações presentes no poema, de forma a possibilitar uma construção coletiva das ideias desenvolvidas pela autora. A discussão oral auxiliará no desenvolvimento das atividades da página seguinte.

**Professor,** a leitura do poema possibilita o desenvolvimento da seguinte habilidade de Língua Portuguesa: (EF15LP02) Estabelecer expectativas em relação ao texto que vai ler (pressuposições antecipadoras dos sentidos, da forma e da função social do texto), apoiando-se em seus conhecimentos prévios sobre as condições de produção e recepção desse texto, o gênero, o suporte e o universo temático, bem como sobre saliências textuais, recursos gráficos,

## Na minha escola todo mundo é igual

Lá na minha escola  
Ninguém é diferente  
Cada um tem o seu jeito  
O que importa é ir para frente

Tem um com síndrome de Down  
Que é o mais prestativo da escola  
Quando alguém tem um problema  
É o que mais colabora

Tem um que não enxerga  
Mas que é um vagalume  
Canta como ninguém  
E nos conhece pelo perfume

Na minha escola se aprende  
Que não existe perfeição  
E o que todos nós precisamos  
É de carinho e atenção.

Rossana Ramos. **Na minha escola todo mundo é igual.**  
São Paulo: Cortez, 2015. p. 4, 9, 11, 13, 17.



24

imagens, dados da própria obra (índice, prefácio etc.), confirmando antecipações e inferências realizadas antes e durante a leitura de textos, checando a adequação das hipóteses realizadas.

### TEXTO DE APOIO

#### Livros que ajudam a transformar

[...] acreditamos que a pluralidade cultural que se faz presente na moderna literatura infantojuvenil “poderá chegar ao nosso aluno por meio do texto literário de qualidade, do texto que o leve a formulações de perguntas e inda-

gações, que não apresente estereótipos como ponto de partida, que não fira a ética e a estética” [...] A leitura literária não servirá de ponto de chegada, mas de ponto de partida para outras leituras, para indagações e questionamentos, para problematizações e descobertas. A literatura, por sua vez, “deverá fazer pensar, questionar, decifrar e interrogar e, depois de nos exigir algum esforço, nos fará sair dela diferentes, transformados de alguma forma. E para nos transformar deverá nos atrair, viver dentro de nós” [...].

SANTOS, Fábio Cardoso; MORAES, Fabiana. **Alfabetizar letorando com a literatura infantil.** São Paulo: Cortez, 2013. p.110.

1. Interprete. O título do texto quer dizer que todos:

São bem parecidos.

São tratados da mesma maneira.

2. Que qualidade tem o aluno com síndrome de Down?

Ele é prestativo, colabora com todos.

3. O texto compara o aluno que não enxerga com:



4. A palavra do poema que rima com perfeição é: atenção.

5. Escreva uma outra palavra que rima com a que você acabou de escrever.

Entre as respostas possíveis estão: Coração / Lição / Ação / Solução / Adoção / Oração etc.

### ESCUTAR E FALAR

Analise e avalie o convívio entre vocês na escola. A seguir, apresente suas sugestões para todos em voz alta. O professor vai sortear ou escolher quem começa.

Autoavaliação	Sim	Não
Dei sugestões interessantes?		
Os colegas conseguiram escutar o que eu disse?		
Fiz gestos adequados?		

### ► ENCAMINHAMENTO

**Professor**, a **atividade 2** quer contribuir para o desenvolvimento da habilidade de localizar e retirar informação do texto. Na **atividade 3**, ampliar a compreensão da comparação feita pela autora, estimulando, assim, a interface com a área de Ciências da Natureza.

As **atividades 4 e 5** exploram uma das características dos poemas – as rimas – e possibilitam o desenvolvimento da seguinte habilidade de Língua Portuguesa: (EF12LP18) Apreciar poemas e outros textos versificados, observando rimas, sonoridades, jogos de palavras, reconhecendo seu pertencimento ao mundo imaginário e sua dimensão de encantamento, jogo e fruição.

Promover a exploração de textos do conhecimento das crianças que apresentam rimas: cantigas, parlenhas, entre outros. Pode-se propor a produção de um banco de rimas. Escreve-se uma palavra e os estudantes devem registrar palavras que rimem com a primeira. Esta atividade pode ser feita apenas oralmente. Em ambas as situações, contribuem para a ampliação do léxico.

**Professor**, na seção **Escutar e falar**, buscou-se estimular a capacidade de identificar problemas de convívio, avaliá-los e propor soluções para eles. E, ao mesmo tempo, exercitar a fala em público.

## ▶ OBJETO DE CONHECIMENTO

A noção do “Eu” e do “Outro”: comunidade, convivências e interações entre pessoas.

## VOCÊ CIDADÃO!

### ▶ ENCAMINHAMENTO

Pode-se iniciar o trabalho com a página perguntando aos alunos:

- Vocês têm um bicho de estimação?
- Se sim, quais os nomes?
- É um gato, um cachorro?
- Vocês costumam sair com eles para passear?
- Onde? Na rua, dentro do seu condomínio, na praça?

Vocês ou seus responsáveis carregam saquinhos plásticos para recolher as fezes do seu bichinho?

Em seguida, sugere-se:

• Ler com a turma o texto da página.

• Relacionar o texto ao cotidiano dos alunos.

• Perguntar: vocês costumam ver sujeiras de animais nas calçadas da sua rua? Vocês já viram alguém brincando com o animal de estimação e não recolhendo a sujeira? Como se sentiram?

• Comentar que as atitudes de cada um refletem na vida em comunidade.

- Criar um debate sobre a iniciativa das crianças para resolver o problema, permitindo que os alunos se expressem livremente sobre o assunto.

Promover uma discussão sobre o local de publicação do texto e a intencionalidade comunicativa desse texto, que pertence ao campo artístico-literário e comparar com textos do campo da vida pública lidos anteriormente. Questionar sobre a semelhança entre a temática dos textos, promover discussões sobre as diversas formas e suportes de circulação de um texto (jornais, sites, blogs, livros literários).

# CONVIVÊNCIA NA COMUNIDADE

## VOCÊ CIDADÃO!

A vida na comunidade depende de cada um de nós. Podemos colaborar alegrando o ambiente, ajudando quem precisa e respeitando as pessoas de todas as idades, cores e religiões.

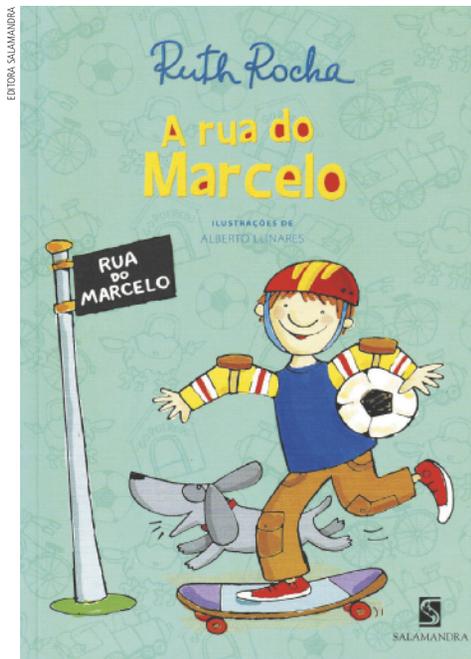
Leia o texto a seguir:

Muitas pessoas do prédio têm cachorros e vêm passear com eles na calçada.

Teve um tempo em que as calçadas ficavam cheias de sujeira de cachorro e muita gente pisava na sujeira da calçada e ficava furiosa.

Então, as crianças da rua combinaram que quem tem cachorro carrega um saquinho e uma pazinha e tira a sujeira da calçada. E nós avisamos todas as pessoas grandes.

Ruth Rocha. **A rua de Marcelo**. São Paulo: Moderna, 2011. p. 12.



▲ Fac-símile do livro **A rua de Marcelo**.

### 1. Qual é o problema colocado pela autora do texto?

Sujeira de cachorro nas calçadas.

### 2. Quem ofereceu solução para esse problema?

As crianças.

**Professor**, na **atividade 1**, estimular relatos de alunos sobre pessoas sujando os sapatos por pisar nas fezes ou urina de cachorro e/ou reclamando do cheiro que exala desses materiais.

Nas **atividades 1, 2 e 3**, a ideia é uma releitura do texto de modo a identificar o problema e reconhecer o protagonismo infantil na sua solução.

A leitura do texto e o registro de respostas às questões propostas possibilita o desenvolvimento da seguinte habilidade de Língua Portuguesa: (EF02LP26) Ler e compreender, com certa autonomia, textos literários, de gêneros variados, desenvolvendo o gosto pela leitura.

### 3. Qual foi a solução para esse problema?

Carregar um saquinho e uma pazinha.

### 4. Avalie. A solução dada pelas crianças foi acertada? Por quê?

Respostas pessoais.

### 5. O significado de pazinha no texto é:

Paz pequena.

Pá pequena.

Um pouco de paz.

## VÍDEO-MINUTO

Vamos fazer um vídeo-minuto para conscientizar as pessoas sobre a importância de manter a calçada limpa de sujeira de cachorro? *Produção pessoal.*

### 1 Faça um roteiro sobre o que você vai dizer.

- Observe as calçadas do lugar onde você mora.
- Pense nos problemas que as sujeiras de cachorro podem causar.
- Crie uma frase de conscientização explicando os benefícios de manter as calçadas limpas.
- Proponha soluções para o problema.

### 2 Ensaie o que você vai dizer.

### 3 Calcule o tempo.

### 4 Grave o vídeo.

### 5 Caso tenha ficado com mais de um minuto, regrave.

- O professor vai orientar sobre a entrega do vídeo.

27

## TEXTO DE APOIO

### Tecnologia na sala de aula

Os filmes e as animações estão presentes na vida das crianças bem antes de elas chegarem à escola, visto que estes são meios geralmente associados ao lazer e entretenimento que possuem uma linguagem muito próxima desses pequenos espectadores. Cada vez mais a produção de vídeos parte das próprias crianças e adolescentes, que, com o au-

xílio de recurso tecnológicos – principalmente de aplicativos para celulares, criam suas próprias histórias.

Sendo assim, apesar do caráter meramente lúdico dado por alguns a essa mídia, ela pode e deve ser utilizada como recurso pedagógico, visto que possui um potencial educacional que abrange não apenas a visualização ou a produção propriamente dita de filmes, mas também uma exploração de possibilidades acerca da pré e da pós-produ-

## ► ENCAMINHAMENTO

A **atividade 5** propõe uma reflexão sobre a variabilidade das palavras e possibilita o desenvolvimento da seguinte habilidade de Língua Portuguesa: (EF02LP11) Formar o aumentativo e o diminutivo de palavras com os sufixos -ão e -inho/-zinho.

Pode-se propor uma brincadeira oral em que os estudantes precisem falar o diminutivo de uma palavra determinada pelo professor ou pelos colegas; falar o diminutivo do nome de um objeto da sala de aula ou do material escolar. Pode-se ampliar a proposta e solicitar aos estudantes que encontrem o aumentativo dessas e de outras palavras. A atividade favorece a compreensão morfológica, de uma forma lúdica.

**Professor**, na seção **Vídeo-minuto**, a entrega do vídeo pode ser feita por meio de um *pen-drive*, *e-mail* e até mesmo via aplicativo de mensagens por celular.

Uma comunidade deu uma solução bem criativa para esse problema: se organizaram e penduraram nas árvores da redondeza garrafas PET com o bico para baixo. Dentro dessas garrafas, por meio de um recorte feito em sua base, colocaram vários saquinhos plásticos. Essas garrafas viraram um porta-saquinhos e se tornaram a solução para o problema que incomodava tanto a comunidade.

ção [...], desenvolvimento do pensamento, promoção da expressão e da comunicação, favorecimento de uma visão interdisciplinar, integração de diferentes capacidades e inteligências e valorização do trabalho em grupo. [...]

MOTA, Aparecida Leticia Oliveira; PINTO, Maria Lobôso. Luz, *smartphone*, ação! O uso do aplicativo Estúdio *Stop Motion* na alfabetização. In: MATTOS, Francisco; COSTA, Christine Sertã (org.). **Tecnologia na sala de aula em relatos de professores**. Curitiba: CRV, 2016. p. 14-15.

## ROTEIRO DE AULA

Em uma roda de conversa, estimular as crianças a falarem livremente sobre a rua em que vivem, perguntando:

- Como é a rua, quadra ou avenida onde fica sua moradia? Larga? Estreita? Longa? Curta?
- Você circula a pé por ela?
- Costuma encontrar vizinhos, colegas da escola ou amigos? Você cumprimenta essas pessoas? Conversa com elas?

Em seguida, como encaminhamento, sugere-se:

- Evidenciar para o aluno que ruas, quadras e avenidas são espaços de sociabilidade.
- Destacar as diferenças entre uma rua e outra.
- Usar perguntas como: a sua rua é quieta ou agitada?

Para ajudar os alunos a responderem, listar na lousa várias características de rua como: movimentada, tranquila, de pedras paralelepípedos, asfaltada, espedaçada, conservada, arborizada, com poucas árvores, sem árvores, com casas e prédios, sem prédios, com lojas comerciais etc.

**Professor**, na **atividade 1**, os alunos devem descobrir que Luís Gama (1830-1882) era filho da negra nagô Luiza Mahin e de um homem de origem portuguesa. Quando tinha apenas 7 anos, ficou sem sua mãe: ela foi expulsa da Bahia por ter participado de uma revolta contra a escravidão. Aos 10 anos de idade, Luiz Gama foi vendido como escravo pelo próprio pai. Mesmo tendo passado por muitas decepções, usou sua inteligência, persistência e coragem para lutar pela libertação dos escravos. E, nos tribunais de justiça, conseguiu a liberdade para mais de mil escravos. Além disso, foi poeta e jornalista. É possível sugerir os seguintes *sites* para a pesquisa: LUIZ Gama, ativista abolicionista. **Biblioteca Nacional**, 13 maio 2020. Disponível em: [https://www.bn.gov.br/acontece/noticias/2020/05/luiz-gama-ativista-](https://www.bn.gov.br/acontece/noticias/2020/05/luiz-gama-ativista-abolicionista)

# 2ª RUA

A rua é um lugar por onde circulam veículos e pessoas. Pelas ruas, as pessoas vão e vêm. As ruas são diferentes umas das outras, e cada uma delas tem uma história.

Há quase 150 anos, no bairro do Cambuci, em São Paulo, começou a ser construída uma rua bem comprida.

Quando ela ficou pronta, os moradores fizeram um **abaixo-assinado** pedindo para essa rua se chamar **Luís Gama**.

O pedido foi aceito, e esse é o nome da rua até hoje.

**Abaixo-assinado:** documento assinado por grupo ou comunidade que representa os interesses dos que o assinam.



▲ Placa da rua Luís Gama, no município de São Paulo, estado de São Paulo, 2021.

👥 **1. Pesquisem e descubram:**

a) Quem foi Luís Gama?

Resposta pessoal.

b) Por que foi homenageado com nome de rua?

Resposta pessoal.

🗨️ **2. Na cidade de Salvador, na Bahia, há uma rua chamada Rua do Tira Chapéu. Ela está localizada em frente ao palácio onde ficava a sede do governo da Bahia e por onde circulavam autoridades.**

- Por que será que a rua recebeu esse nome? Resposta pessoal.

28

abolicionista. Acesso em: 27 jul. 2021; INSTITUTO LUIZ GAMA. Disponível em: <http://institutoluizgama.org.br/>. Acesso em: 27 jul. 2021.

Na **atividade 2**, a ideia é estimular os alunos a inferir. As pessoas que por lá circulavam tiravam o chapéu para os governantes; por isso, a rua foi chamada de rua do Tira Chapéu.

## +ATIVIDADES

### Roda de conversa

Pergunte aos seus pais ou a antigos moradores:

- Como era a rua, quadra ou avenida onde você mora?
- O que mudou nos últimos anos?

Grave as respostas do entrevistado e, em uma roda de conversa organizada pelo professor, conversem sobre o assunto.

Em Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, havia uma professora chamada Bartira de Miranda Mourão, que era muito dedicada a seus alunos.

Há cerca de 40 anos, os moradores de Belo Horizonte homenagearam a professora, pedindo para a Rua 46 passar a se chamar **Rua Professora Bartira Mourão**.

Algumas ruas têm nome de pessoas, outras são chamadas por um número, como rua 27, rua 35, e assim por diante.

Na cidade de Brasília, a capital do Brasil, as crianças moram em quadras.

E a rua ou quadra onde você mora, como é?

- Desenhe a sua rua ou quadra no espaço a seguir e escreva um título para o desenho. *Produção pessoal.*



▲ Placa da Quadra Residencial Sudoeste 300B, em Brasília, Distrito Federal, 2006.

Título: Resposta pessoal.



### ► ENCAMINHAMENTO

**Professor**, na atividade desta página, o registro de um título para desenho produzido possibilita o desenvolvimento da seguinte habilidade de Língua Portuguesa: (EF02LP07) Escrever palavras, frases, textos curtos nas formas imprensa e cursiva.

- Retomar as aprendizagens sobre a função de um título em situações diversas (textos, ilustrações, mapas, gráficos, entre outros), ressaltando que os títulos precisam antecipar a temática de uma produção, dar pistas sobre elas.
- Analisar, com os estudantes, alguns materiais citados (textos, ilustrações, mapas, gráficos, entre outros) e o títulos a eles atribuídos. Analisar o tamanho do título (quantidade de palavras), a segmentação, bem como alguns aspectos multimodais, como o tamanho, a cor e o formato das letras.

### SUGESTÕES ► PARA O ALUNO

**VÍDEO.** VEM brincar na rua. 2014. Vídeo (1min42s). Publicado pelo canal Kitty Driemeyer. Disponível em: <https://youtu.be/z3LmtVKbGjU>. Acesso em: 9 jul. 2021.

Clipe musical sobre brincadeiras de rua.

**VÍDEO.** A RUA do Cebolinha. 2014. Vídeo (3min 21s). Publicado pelo canal Turma da Mônica. Disponível em: <https://youtu.be/mqsaeWEpXkM>. Acesso em: 9 jul. 2021.

Desenho animado sobre a mudança do nome de uma rua.

### SUGESTÃO ► PARA O PROFESSOR

**VÍDEO.** CONHEÇA ruas com nomes curiosos. 2015. Vídeo (2min22s). Publicado pelo canal tvbrasil. Disponível em: <https://youtu.be/qCl1t1EsZJ4A>. Acesso em: 9 jul. 2021.

Reportagem com curiosidades sobre nomes de rua na cidade de São Paulo.

### SUGESTÃO ► PARA A FAMÍLIA

**LIVRO.** AMOS, Eduardo. **Se essa rua fosse minha.** São Paulo: Moderna, 2002.

O livro questiona o leitor: se você fosse dono da sua rua, quais atitudes tomaria para cuidar dela?



## ROTEIRO DE AULA

Para despertar o interesse dos alunos pelo assunto, pode-se perguntar:

- Se a rua é de todos nós, quem deve cuidar dela: os vizinhos? As pessoas que passam por ela? Os visitantes? Os turistas? Toda a comunidade?
- Vocês também se sentem responsáveis pelos cuidados com a rua onde moram?

Em seguida, como encaminhamento, sugere-se:

- Refletir com os alunos sobre a seguinte questão: quando alguém joga papel no chão, quebra um telefone público, picha um banco, quem fica prejudicado com essas ações?
- Destacar que respeitar o que é de todos é uma atitude que todo cidadão deve ter.

Refletir sobre a seguinte questão: o que é ser um cidadão afinal?

## VOCÊ ESCRITOR!

### ENCAMINHAMENTO

Professor, na atividade 3, a partir da situação presente na história em quadrinhos, os estudantes deverão criar um *slogan*, proposta que possibilita o desenvolvimento da seguinte habilidade de Língua Portuguesa: (EF12LP13) Planejar, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor, slogans e peças de campanha de conscientização destinadas ao público infantil que possam ser repassados oralmente por meio de ferramentas digitais, em áudio ou vídeo, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto/finalidade do texto.

Apresentar alguns *slogans* conhecidos aos estudantes e questionar se conhecem outros. Destacar a característica fundamental dos *slogans* (frase curta, de fácil memorização) e promover uma “chuva de ideias” em que os estudantes possam auxiliar uns aos outros na produção do *slogan*. Destacar aprendizagens anteriores sobre a organização dos registros escritos (letra maiúscula inicial e uso de sinal de pontuação ao final).

## A RUA É PÚBLICA

A rua é um espaço público, isto é, pertence a todos nós. Por isso, todos devemos zelar por ela:

- jogando o lixo nas lixeiras adequadas: papel na lixeira azul; metal na amarela; plástico na vermelha; vidro na verde; e lixo hospitalar na branca;
- levando um saquinho ao passear com o cachorro para não sujar a rua.

## VOCÊ ESCRITOR!

- Leia a tirinha com atenção.



Alexandre Beck. Armandinho. 2015. Disponível em:

<https://www.facebook.com/tirasarmandinho/posts/949707095074597>. Acesso em: 12 jul. 2021.

### 1. Para quem Armandinho reclamou de seu tênis?

Ele reclamou para um adulto.

### 2. Por que Armandinho sentia vergonha do tênis que estava usando na rua? Porque na rua há muitas crianças descalças.



### 3. Conversem sobre crianças que vivem nas ruas e descalças. Escrevam um slogan para uma campanha de doação de sapatos e roupas a quem precisa.

Resposta pessoal.

**Slogan:** texto curto, de fácil memorização, que faz parte de uma propaganda.

30

### SUGESTÃO ► PARA A FAMÍLIA

**VÍDEO.** A RUA também é nossa! Não jogue lixo no chão. 2018. Vídeo (1min4s). Publicado pelo canal Coisas que merecem like. Disponível em: <https://youtu.be/9TBn0qx8ERk>. Acesso em: 9 jul. 2021.

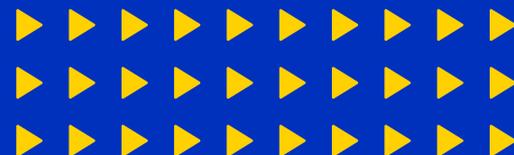
Vídeo educativo sobre o lixo jogado na rua.

### +ATIVIDADES

Imagine que você está produzindo uma campanha para estimular as pessoas da sua comunidade a cuidar bem

das ruas. Crie uma frase motivando as pessoas a cuidarem das ruas. Veja o exemplo a seguir: “A construção de um mundo melhor começa em cada um de nós. Em nossa casa. Em nossa rua. Em nosso bairro.”

Escreva a frase em uma folha branca. O professor irá recolher todas as frases. Cada aluno irá sortear uma e fará a leitura em voz alta. A turma terá de descobrir quem escreveu a frase!



## Esta é uma versão de pré-visualização do Manual do Professor

Você está visualizando apenas as primeiras páginas deste manual do professor.

A versão completa está disponível exclusivamente para professores e instituições educacionais habilitadas.

Para solicitar o acesso completo, entre em contato com a nossa Central de Relacionamento:

 0800 772 2300

 [www.ftd.com.br/contato/](http://www.ftd.com.br/contato/)

